



## **Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) em 2013: memo**

### **Archaeological Field Camp of Proença-a-Nova 2013: memo**

João Caninas, Isabel Gaspar, António Sequeira, Francisco Henriques, Mário Monteiro, André Pereira, Paulo Félix, Fernando Robles Henriques, Emanuel Carvalho, Carlos Neto de Carvalho e Hugo Pires

**Açafa on line, 14 (2025)**

## Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) em 2013: memorando

### Archaeological Field Camp of Proença-a-Nova 2013: memo

**João Caninas** (diretor das escavações, AEAT), **Isabel Gaspar** e **António Sequeira** (coordenadores de atividades, Câmara Municipal de Proença-a-Nova), **Francisco Henriques**, **Mário Monteiro**, **André Pereira**, **Paulo Félix**, **Fernando Robles Henriques** e **Emanuel Carvalho** (arqueólogos, AEAT), **Carlos Neto de Carvalho** (geólogo, Geoparque Naturtejo Mundial da UNESCO), **Hugo Pires** (topógrafo, Superfície Geomática)

**Resumo.** Neste relatório documentam-se as ações do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) durante o ano de 2013. Neste período foram executadas intervenções em duas sepulturas megalíticas. Na sepultura megalítica do Cabeço da Anta foi realizado um diagnóstico geofísico. O programa incluiu um colóquio internacional, onze palestras e quatro visitas de estudo e um passeio pedestre.

**Abstract.** This report documents the activities of the Proença-a-Nova Archaeological Field Camp (CAPN) during 2013. During this period, interventions were carried out on two megalithic tombs. A geophysical diagnosis was performed on the Cabeço da Anta megalithic tomb. The program included an international colloquium, eleven lectures, four study visits and one walking tour.

**Palavras-chave.** Campo arqueológico, Megalitismo, Proença-a-Nova

**Keywords.** Archaeological field camp, Megalithism, Proença-a-Nova

**Contactos para informações: 274670000**



## Introdução

O Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) foi a modalidade encontrada para dar concretização ao acordo estabelecido entre a Câmara Municipal de Proença-a-Nova e a Associação de Estudos do Alto Tejo para a valorização do património arqueológico municipal, nos três seguintes domínios:

- (1) inventário do património arqueológico imóvel municipal (linha de ação coordenada por Francisco Henriques);
- (2) estudo e valorização de sepulturas pré-históricas de tipo dolménico, integradas no percurso pedestre PR1 (linha de ação coordenada por João Caninas);
- (3) estudo e valorização das estruturas militares, de idade moderna-contemporânea, que formam a Linha Defensiva das Talhadas – Moradal, também integradas em percurso pedestre (linha de ação coordenada por Mário Monteiro).

O CAPN realizou-se pela primeira vez em 2012 com a escavação e reconstrução da anta do Cão do Ribeiro.

Contudo, a primeira escavação arqueológica executada em Proença-a-Nova com enquadramento e apoio autárquico, antes da fórmula CAPN, incidiu no Forte das Baterias, em 2007. Alguns resultados desta ação, a par de diversos colóquios promovidos pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova e do projeto de centro de interpretação, estão disponíveis em:

[http://www.altotejo.org/acafa/docs/Estudos\\_e\\_Trabalhos/O\\_Forte\\_das\\_Baterias.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docs/Estudos_e_Trabalhos/O_Forte_das_Baterias.pdf)

[http://www.altotejo.org/acafa/docsn5/linha\\_talhadas\\_moradal.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsn5/linha_talhadas_moradal.pdf)

[http://www.altotejo.org/acafa/docsn5/as\\_iniciativas\\_proenca\\_nova.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsn5/as_iniciativas_proenca_nova.pdf)

[http://www.altotejo.org/acafa/docsn6/LINHA\\_TALHADAS\\_MORADAL\\_113\\_203.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsn6/LINHA_TALHADAS_MORADAL_113_203.pdf)

Em 2013 o CAPN teve âmbito internacional e consistiu, essencialmente, na escavação (ainda não concluída) de dois outros monumentos pré-históricos integrados no PR1 PN (a anterior Rota das Antas, hoje chamada História na Paisagem): a anta/mamoia denominada Cabeço da Anta e a anta/mamoia do Vale de Alvito.

A ênfase na temática do Megalitismo resulta do facto de corresponder ao concelho de Proença-a-Nova uma das mais densas manchas de sepulturas pré-históricas daquele tipo – as mais antigas arquiteturas da região de Castelo Branco -, de acordo com as informações que os arqueólogos alemães Georg Leisner e Vera Leisner ainda puderam registar e que foi publicada postumamente, sob coordenação de Philine Kalb, na obra Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel - Der Westen, em 1995.

Contudo o contributo dos arqueólogos alemães não foi aprofundado com estudo sistemático ou representativo deste tipo de monumentos, pouco mais se conhecendo do que localizações e escassos artefactos. No decurso das prospeções empreendidas pela AEAT no concelho de Proença-a-Nova foi possível encontrar alguns desses monumentos.

## Programa

O programa do CAPN 2013, que decorreu entre 19 de agosto e 14 de setembro, conforme o quadro seguinte, e embora centrado na escavação arqueológica do Cabeço da Anta, incluiu muitas outras ações de carácter científico, formativo, informativo e lúdico, de frequência obrigatória para os participantes do CAPN, abertas à comunidade local. Essas ações foram:

**um colóquio** dedicado a temas de arqueologia regional, a cargo dos professores Primitiva Bueno e Rodrigo de Balbín (Universidad de Alcalá de Henares) e Jorge de Oliveira (Universidade de Évora) e de arqueologia local, a cargo dos membros da

AEAT, Francisco Henriques (estado da carta arqueológica municipal), João Caninas (escavação da anta do Cão do Ribeiro) e Mário Monteiro (Linha das Talhadas-Moradal); a abertura do colóquio contou com a presença do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, Eng<sup>o</sup> João Paulo Catarino, de um representante da Sr<sup>a</sup> Directora Regional de Cultura do Centro, Dr. Carlos Banha, e foi moderado pelo Prof<sup>o</sup> Rodrigo de Balbín;

Dia/mês	Manhã	Tarde
19 Agosto	11h00-12h30. Sessão de recepção do 1º Grupo	17h30-19h00. Tertúlia (J. Caninas)
20 Agosto	7h00-14h00. Escavação	16h30-19h30. Visita à Serra das Talhadas e Portas do Almourão
21 Agosto		Livre
22 Agosto		17h30-19h00. Tertúlia (P. Félix)
23 Agosto		16h30-19h00. Visita ao Centro Ciência Viva e à Aldeia de Figueira
24 Agosto		17h30-19h00. Tertúlia (A. Pereira)
25 Agosto	Livre	Livre
26 Agosto	7h00-14h00. Escavação	17h30-19h00. Tertúlia (A. González Cordero)
27 Agosto		16h30-19h30. Visita à Linha Defensiva das Talhadas-Moradal
28 Agosto		Livre
29 Agosto		17h30-19h00. Tertúlia (J. Mirão e A. Candeias)
30 Agosto		15h30-19h30. Visita às Portas de Ródão e ao CIARVT
31 Agosto		17h30-19h00. Tertúlia (A. R. Cruz, P. Salvado)
01 Setembro	8h30. Inauguração do PR1 - A História na Paisagem	Partida do 1º Grupo
02 Setembro	11h00-12h30. Sessão de recepção do 2º Grupo	16h30-19h30. Visita à Linha Defensiva das Talhadas-Moradal
03 Setembro	7h00-14h00. Escavação	17h30-19h00. Tertúlia (G. Ferreira)
04 Setembro		Livre
05 Setembro		17h30-19h00. Tertúlia (R. Vilaça)
06 Setembro		16h30-19h00. Visita ao Centro Ciência Viva e à Aldeia de Figueira
07 Setembro		15h00-18h30. Colóquio de Arqueologia – Auditório Municipal
08 Setembro		Livre
09 Setembro	7h00-14h00. Escavação	16h30-19h30. Visita à Serra das Talhadas e Portas do Almourão
10 Setembro		17h30-19h00. Tertúlias (H. Pires; M. Osório)
11 Setembro		Livre
12 Setembro		15h30-19h30. Visita às Portas de Ródão e ao CIARVT
13 Setembro		17h30-19h00. Tertúlia (A. Correia e J. Rocha)
14 Setembro		

Horário geral da escavação arqueológica	Pequeno-almoço	06h00	Retoma do trabalho de campo	10h50
	Partida para campo	06h30	Regresso a casa	14h00
	Início do trabalho de campo	07h00	Almoço	14h30
	Paragem a meio da manhã	10h30	Jantar	20h00

**onze palestras** a cargo de técnicos e especialistas de Portugal e Espanha; foram abordados, maioritariamente, temas arqueológicos, mas o programa inclui a apresentação de metodologias físico-químicas (análise química de materiais e métodos de deteção geofísica) e de ferramentas de análise e representação (PTM, fotogrametria, SIG);

**quatro visitas de estudo**, com repetição, a sítios de interesse cultural, natural e ambiental situados nos concelhos de Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão, nomeadamente, a Serra das Talhadas nas Portas do Almourão, o Forte das Baterias e o Museu Isilda Martins na Sobreira Formosa, o Centro de Ciência Viva da Floresta e a aldeia de Figueira, as Portas de Ródão e o Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo, também em Vila Velha de Ródão;

**97º Passeio Pedestre Proença-a-Nova**  
1 SETEMBRO Domingo 2013

**Moitas A História na paisagem**

**INSCRIÇÕES**  
posto de turismo, tm.939 623 269, site do município

**HORA**  
08h30

**LOCAL DE CONCENTRAÇÃO**  
biblioteca municipal de proença-a-nova

**GRAU DE DIFICULDADE**  
fácil

**PERCURSO**  
8,8 km; circular

**PASSEIO INTEGRADO NA INICIATIVA**  
2013  
Campos Arqueológicos de Proença-a-Nova

**Conselhos Úteis**  
Roupa e calçado confortáveis e práticos, com características adequadas às condições climáticas; pomarinho com relógio energético.  
Informações em [www.cm-proenca-a-nova.pt](http://www.cm-proenca-a-nova.pt)

**um percurso pedestre** com inauguração do PR 1 – A História da Paisagem, com um novo traçado resultante das alterações provocadas pela construção do novo traçado do IC8, tendo como pontos de visita as antas do Cão do Ribeiro (já

escavada), do Cabeço da Anta (em curso de escavação) e do Vale de Alvito (em curso de escavação).

Fora do período indicado e com participação mais restrita devem considerar-se abrangidas pelo CAPN 2013 as seguintes ações:

**campanhas de diagnóstico geofísico** (georadar e tomografia elétrica) na mamoa do Cabeço da Anta, antes e durante o CAPN 2013, a cargo do Eng<sup>o</sup> João Rocha (Epicentro sob contrato da CMPN) com o apoio científico do professor António Correia (Departamento de Física da Universidade de Évora);

**finalização da reconstrução da anta do Cão do Ribeiro** por técnicos da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, com a orientação de Isabel Gaspar e João Caninas (Arqueologia). Os trabalhos de reconstrução da anta do Cão do Ribeiro, monumento escavado em 2012, encontram-se concluídos, e proporcionam um sítio mais qualificado, do ponto de vista pedagógico, para ser visitado. A partir do relatório final, que está em elaboração, será elaborado um texto para divulgação pública dos trabalhos ali efetuados. Foi feita uma primeira apresentação no colóquio que integrou o programa do CAPN 2013;

**início dos trabalhos de escavação arqueológica na anta de Vale de Alvito** (novembro de 2013). Os trabalhos iniciados na anta de Vale de Alvito, em novembro de 2013 e que carecem de continuação durante o primeiro semestre de 2014, encontram-se numa fase preliminar, não tendo ainda proporcionado resultados dignos de referência, para além da presença de gravuras rupestres pré-históricas (círculos picotados) sobre um dos esteios, as primeiras deste tipo identificadas em dólmenes da região de Castelo Branco.

A execução destes trabalhos foi autorizada pela Direção Regional de Cultura do Centro e pelos proprietários da anta do Cabeço da Anta, Senhores Diamantino Ribeiro Cristóvão, José Adelino Ribeiro Cristóvão e Helena Fernandes Lopes, e pelo proprietário da anta de Vale de Alvito, Sr. José Luis Cardoso Dias.

Os trabalhos de escavação arqueológica, sobretudo no Cabeço da Anta, foram visitados por todos conferencistas (colóquio e palestras), pelos senhores vereadores João Manso e João Lobo, pelo Dr. Luís Raposo, antigo diretor do Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) e atual presidente da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM (International Council of Museums), pela Dr<sup>a</sup> Helena Moura, arqueóloga-fiscal da Direção Regional de Cultura do Centro e por diversos jornalistas (RTP e imprensa regional).

Fez-se uma sessão noturna de inspeção de esteios das antas do Cão do Ribeiro, de Vale de Alvito e do Cabeço da Anta para deteção de gravuras rupestres, orientada pelos Professores Primitiva Bueno e Rodrigo de Balbín. Em Vale de Alvito reconhecêramos anteriormente vários círculos picotados de cronologia pré-histórica.

O bom desenvolvimento, e o sucesso, do CAPN 2013 deveu-se ao forte empenhamento e prontidão de diversos técnicos da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, nas fases de organização e execução, com destaque para Isabel Gaspar e António Sequeira (organização geral e acompanhamento), Catarina Alves e Inês Cardoso (design e meios de divulgação), Pedro Martins (topografia), João Sequeira e vasta equipa (meios e mão de obra, nomeadamente para ações de desmatção e reconstrução da anta do Cão do Ribeiro).

É ainda de realçar a simpatia e o bom acolhimento prestado pelo Padre Ilídio no Seminário do Preciosíssimo Sangue, onde ficaram alojados os participantes do CAPN 2013 e pelos funcionários da Cafeteria do Parque Urbano onde decorreram as refeições e as tertúlias.

O financiamento foi assegurado quase totalmente pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova, com um apoio complementar de EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia, em meios (veículos e equipamento de escavação) e arqueólogos, e pela AEAT.

## Parceiros técnico-científicos

	Prof. Doutor Jorge de Oliveira (CHAIA, apoio científico em arqueologia), Prof <sup>a</sup> Doutora Leonor Rocha (indicação de alunos da UE para participação voluntária nos trabalhos de campo) e Prof <sup>a</sup> Doutora Teresa Matos Fernandes (antropologia física).
	Prof. Doutor José Mirão (geologia) e Prof <sup>a</sup> Doutora Cristina Dias (análises químicas).
	Prof <sup>a</sup> Doutora Primitiva Bueno e Prof. Doutor Rodrigo de Balbín Berhmann (detecção e estudo de gravações e pinturas rupestres; indicação de alunos da UAH para participação voluntária nos trabalhos de campo).
	Eng <sup>o</sup> João Rocha (diagnóstico geofísico por georadar e tomografia de resistividade eléctrica) com apoio do Prof. Doutor António Correia (UE - Centro de Geofísica).
	Prof <sup>a</sup> Doutora Maria de Jesus Sanches (indicação de alunos da FLUP para participação voluntária nos trabalhos de campo).
	Prof <sup>a</sup> Doutora Raquel Vilaça (indicação de alunos da FLUC para participação voluntária nos trabalhos de campo).
	Dr. Carlos Neto Carvalho (orientação de visitas de estudo).
	Eng <sup>a</sup> Raquel Lopes (orientação de visitas de estudo).
	Apoio técnico na coordenação do Campo e apoio logístico.

O CAPN 2013 teve como parceiros principais, na sua organização e financiamento, a CMPN e a AEAT. Contudo, o CAPN 2013 contou com o envolvimento de muitas outras entidades, no envio de participantes, casos das universidades de Porto,

Coimbra e Alcalá de Henares, e no apoio técnico-científico, casos das universidades de Évora (Arqueologia e Física), Alcalá de Henares, centros de investigação CHAIA e Laboratório Hércules (Universidade de Évora), empresas (EMERITA, Epicentro e Superfície Geomática).

Considera-se ainda a participação, embora indireta, de muitas outras entidades, às quais se encontram vinculados os oradores convidados do programa de tertúlias. Refira-se que tal participação ocorreu a título individual e de modo gracioso.

A coordenação dos trabalhos de escavação arqueológica foi assegurada por oito arqueólogos (Francisco Henriques, Mário Monteiro, André Pereira, Paulo Félix, Emanuel Carvalho, Fernando Robles Henriques), dirigidos por João Caninas, enquanto arqueólogo autorizado pela Direção Geral do Património Cultural para executar estas intervenções (Cabeço da Anta e Vale de Alvito). A equipa contou com a participação, durante uma semana, do arqueólogo espanhol Antonio Gonzalez Cordero, doutorado em Arqueologia.

## Participantes

Os participantes no CAPN 2013 foram maioritariamente alunos de Arqueologia, de licenciatura e mestrado, de universidades portuguesas e espanholas, tendo sido indicados pelos professores Maria de Jesus Sanches (Porto), Raquel Vilaça (Coimbra) e Primitiva Bueno (Alcalá de Henares). Estiveram inscritos, mas desistiram de participar alguns alunos indicados pela Universidade de Évora. Esteve ainda presente a título individual uma mestranda da Universidade de São Paulo e, por inscrição, inúmeros jovens residentes no concelho ou no distrito de Castelo Branco.

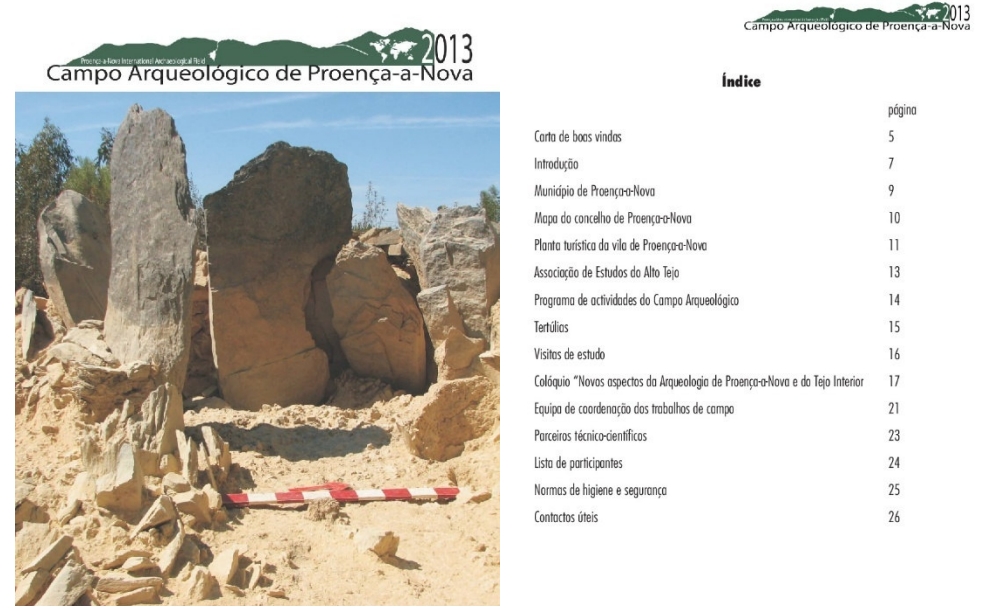
A grande maioria dos participantes permaneceu apenas numa das duas quinzenas em que foi seccionado o Programa.

Nome	Nacionalidade	Formação académica
Ana Sofia Lacerda Matias	Portuguesa	Aluno Licenciatura em Arqueologia (FLUC)
Ana Maria Catarino	Portuguesa	Estudante liceal
António Almeida Botão	Portuguesa	Aluno Licenciatura em História (FLUL)
António Ribeiro Telles Costa	Portuguesa	Estudante liceal
Carla Sofia Fernandes Ribeiro	Portuguesa	Licenciada em Antropologia (UC)
Cátia Cravo Mendes	Portuguesa	Mestranda em Arqueologia (FLUP)
Daniel Adamuz Carrillo	Espanhola	Estudante de Arqueologia (UAH)
David Martín Campos Pérez	Espanhola	Estudante de Arqueologia (UAH)
Estibaliz Polo Martín	Espanhola	Mestranda em Arqueologia (UAH)
Fernanda Araújo	Brasileira	Licenciada em Arqueologia
Gonçalo Cunha Ferreira	Portuguesa	Mestrando em Arqueologia (FLUP)
Gonçalo José Martins Cardoso	Portuguesa	Estudante liceal
Helena Barbosa	Portuguesa	Mestranda em Arqueologia (FLUP)
Iciar Moreno Raso	Espanhola	Licenciada em Arqueologia (UAH)
Irene Alvarez Figueras	Espanhola	Licenciada em Arqueologia (UAH)
Irene Salinero Sánchez	Espanhola	Estudante de Arqueologia (UAH)
João Fortuna Madureira	Portuguesa	Aluno Licenciatura em Arqueologia (FLUP)
João Gouveia	Portuguesa	Estudante liceal
Laura Eva Marçal Pires Dias	Portuguesa	Estudante liceal
Mónica Boggio Sequeira	Portuguesa	Licenciada em Geografia (UL)
Pedro E. Soares Baptista	Portuguesa	Aluno Licenciatura em Arqueologia (FLUC)
Pedro José Macedo de Matos	Portuguesa	Aluno Licenciatura em Arqueologia (FLUC)
Rebeca Ema Moore	Inglesa	Mestranda em Arqueologia (FLUP)
Rita Pires	Portuguesa	Estudante liceal
Rui Miguel das Neves Santo	Portuguesa	Aluno Licenciatura em Arqueologia (FLUC)
Sara Filipa Campos Pereira	Portuguesa	Aluno Licenciatura em Arqueologia (FLUC)
Scheila Rotondaro Koch	Brasileira	Licenciada em Arqueologia (UCSP), Doutoranda em Arqueologia (FLUL)
Tatiane de Souza	Brasileira	Mestre em Arqueologia, Licenciada em História

Abreviaturas: Abreviaturas: FLUC (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra); FLUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa); UC (Universidade de Coimbra); UAH (Universidade de Alcalá de Henares); FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto); UL (Universidade de Lisboa); UCSP (Universidade Católica de São Paulo).

No início de cada quinzena realizaram-se sessões de receção e introdução ao Programa do CAPN 2013 no edifício da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, com a presença do Senhor Presidente da Câmara Municipal, Engº João Paulo Catarino, e do Senhor vereador Prof. João Manso. Na sessão de despedida da segunda quinzena, que teve lugar na aldeia de Figueira, esteve presente o Senhor vereador Engº João Lobo.

Cada participante recebeu um caderno programático (imagens seguintes) e um guia de escavação. O município ofereceu a cada participante um kit incluindo t-shirt com logotipo alusivo à anta do Cão do Ribeiro. No final do CAPN foi atribuído a cada participante um diploma e um certificado de participação.





Alojamento durante o CAPN 2013 no Seminário do Preciosíssimo Sangue.



Local das refeições no Parque Urbano de Proença durante o CAPN 2013.



Fotografia de grupo no Porto do Tejo (1ª quinzena).



Fotografia de grupo no Parque Urbano de Proença-a-Nova (2ª quinzena).



Entrega de diplomas aos participantes na ladeia de xisto da Figueira.

## Colóquio

### “Novos aspectos da Arqueologia de Proença-a-Nova e do Tejo Interior” 7 de Setembro, Auditório Municipal

15h00	João Paulo Catarino, Presidente da Câmara Municipal de Proença-a-Nova Helder Catarino, Coordenador da Associação de Estudos do Alto Tejo <b>Abertura do colóquio</b>
15h30	Primitiva Bueno Ramirez e Rodrigo de Balbín Berhmann (Universidad de Alcalá de Henares) <b>Territorios de antepasados: la raya española en la Prehistoria Reciente</b>
16h00	Jorge de Oliveira (Universidade de Évora – CHAIA) <b>Os abrigos com arte rupestre da Serra de São Mamede</b>
16h30	Debate e intervalo
17h00	Francisco Henriques (Associação de Estudos do Alto Tejo) <b>Carta arqueológica de Proença-a-Nova. Estado actual de conhecimentos</b>
17h30	João Carlos Caninas (Associação de Estudos do Alto Tejo) <b>A anta do Cão do Ribeiro. Resultados da escavação arqueológica de 2012</b>
18h00	Mário Monteiro (Associação de Estudos do Alto Tejo) <b>As Linhas de Lippe: Talhadas-Moradal e Torres Vedras</b>
18h30	Debate e encerramento

## Sessão de abertura



Da esquerda para a direita: Francisco Henriques (da AEAT), Carlos Banha (em representação da Diretora Regional de Cultura do Centro), João Paulo Catarino (presidente da Câmara Municipal de Proença-a-Nova), Primitiva Bueno (professora catedrática de Pré-história e Arqueologia da Universidade de Alcalá de Henares) e Rodrigo de Balbín (professor catedrático de Pré-história e Arqueologia da Universidade de Alcalá de Henares - UAH e presidente da sessão).



Sessão com os oradores Jorge de Oliveira (professor da Universidade de Évora) e Primitiva Bueno (professora da UAH) sendo moderador Rodrigo de Balbín (professor da UAH).



Sessão com os oradores Francisco Henriques (AEAT), Mário Monteiro (AEAT) e João Caninas (AEAT) sendo moderador Rodrigo de Balbín (professor da UAH).

**Territorios de antepassados. La raya española en la Prehistoria Reciente**, Primitiva Bueno Ramirez, Rodrigo de Balbín Behrmann, Rosa Barroso Bermejo



Primitiva Bueno Ramirez es Catedrática de la Universidad de Alcalá de Henares. Desde 1980 ha dirigido proyectos de investigación sobre el megalitismo de la cuenca interior del Tajo, incluyendo sectores como Toledo, Guadalajara y Cáceres. En el marco del Tajo Internacional ha investigado en Valencia de Alcántara, Alcántara, y Santiago de Alcántara, llevando a cabo proyectos de valorización patrimonial de megalitos y marcadores gráficos.

El resultado de estos proyectos se traduce en casi un centenar de trabajos, artículos en revistas nacionales e internacionales, y libros sobre el megalitismo del Tajo Internacional, además de las únicas publicaciones sobre el megalitismo de Toledo, acerca del cual ha publicado tres libros. Precisamente el desarrollo del trabajo de su equipo en la necrópolis de cuevas artificiales de Valle de las Higueras, Huecas (Toledo), les supuso el Premio Especial de la Real Fundación Toledo, 2006, entregado por S. M. el Rey de España.

Su especialización en arte megalítico, incluyendo sus versiones antropomorfas, ha producido otro centenar de trabajos, entre los cuales destacan los publicados en la revista francesa L'Anthropologie.

En relación con este tema, está integrada en proyectos CICYT desde 1989, junto con el resto de miembros de la Universidad de Alcalá de Henares, participantes en la Plataforma del Tajo

Ha dirigido y codirigido varias Tesis doctorales. Concretamente relacionada con este sector, la de Enrique Cerrillo Cuenca, que organiza los datos para consolidar la hipótesis de un neolítico antiguo en las zonas interiores de la Península Ibérica, como esta autora ha venido proponiendo desde los años 80.

Es miembro de varios Comités Científicos de publicaciones especializadas: Trabajos de Prehistoria, Veleia, Almajar, Eres. Y ha sido nombrada miembro de la Comisión Nacional de Arte Rupestre por el Ministerio de Cultura español (fonte: AEAT, 2007).

Rodrigo de Balbín Behrmann es Catedrático de la Universidad de Alcalá de Henares. Su línea de investigación preferente ha sido la de las grafías prehistóricas, con el resultado de dos centenares de trabajos publicados. Comenzó investigando en el Sahara español. Con posterioridad ha intervenido en la interpretación de los grabados rupestres canarios, proponiendo un cambio de inflexión de fuerte calado recogido por toda la bibliografía posterior.

Sus trabajos en el Arte Paleolítico cantábrico son bien conocidos y engloban yacimientos de honda raigambre en el estudio de paleolítico europeo. Así la Pasiiega en el conjunto del Castillo, en Santander, o los trabajos que viene dirigiendo sobre la cueva de Tito Bustillo y el Macizo de Ardines, en Asturias. Numerosas publicaciones recogen sus aportaciones, no sólo cuantitativas, sino teóricas, sobre el significado y relación social del arte paleolítico "clásico", aquel que durante mucho tiempo se consideró el único ejemplo de las grafías paleolíticas.

Su estrecha relación con el descubrimiento del arte al aire libre, y su destacado papel en la interpretación del mismo, se reflejan en numerosos trabajos publicados en revistas nacionales, e internacionales, destacando los de la revista L' Anthropologie, por su repercusión en el panorama científico europeo. De hecho, su hipótesis de que el arte paleolítico al aire libre tenía el mismo recorrido temporal que el arte en cueva, como publicó a finales de los 90, ha venido a ser confirmada por los trabajos en el Còa en la primera década del siglo XXI.

*Ha dirigido y codirigido varias tesis doctorales, destacando la de J. Javier Alcolea sobre el yacimiento de Siega Verde, el primer trabajo de investigación sobre un yacimiento paleolítico al aire libre, con un desarrollo metodológico idéntico al que se implementa para el estudio de las cuevas.*

*En los últimos años dirige los consecutivos proyectos CICYT sobre Arte Megalítico en la Península Ibérica, en los que participan P. Bueno Ramirez y R. Barroso Bermejo.*

*Ha formado parte de la Agencia Nacional de Evaluación Científica, encargándose de la dirección del análisis de los proyectos de Humanidades (fonte: AEAT, 2007).*

**Resumo.** El Campo Arqueológico de Proença-a-Nova nació para favorecer la práctica en la formación de nuevas generaciones de arqueólogos. Pero desde sus inicios ha ido más allá, aportando distintas visiones de la Prehistoria Interior. La formulación de hipótesis de trabajo es la base de la investigación. Por eso hemos dirigido este pequeño resumen a exponer algunas de las preguntas que han presidido nuestra investigación en la Prehistoria Reciente de la Raya española.

Nuestro punto de partida siempre estuvo alejado de las perspectivas clásicas del difusionismo que conectan progreso cultural con ocupación demográfica, relacionando los cambios o transformaciones de la cultura con la llegada de nuevas poblaciones. Por el contrario, hemos trabajado en la hipótesis de que los territorios en torno al Tajo tienen, además de muchos otros valores, el de constituirse en territorios tradicionales. Aquellos que se conocen por ser parte de la herencia de los antepasados. Los datos sobre grabados en el río y sobre monumentos funerarios eran lo suficientemente potentes como para esperar buenos resultados de un trabajo intensivo en el sector.

A principios de los 80 nadie asumía estos presupuestos en las tierras del interior. Ahora, tras casi 30 años de trabajo, los datos argumentan un decurso constante que tiene su mejor expresión en los sistemas simbólicos de delimitación y reconocimiento de estos territorios desde el Paleolítico superior en adelante. El reto actual está en fijar cronológicamente estos desarrollos. El panel de arte paleolítico al aire libre de La Grajera es uno de los más antiguos indicios de estas expresiones en el Sur de

Europa. Estas evidencias han de tener su continuidad en las sierras portuguesas. Los datos obtenidos por Oliveira y el equipo de Evora en la Sierra de Esperança son muy prometedores pues aportan las únicas cronologías epipaleolíticas del sector.

Por tanto, una respuesta a las reflexiones que se hagan sobre el inicio de los establecimientos megalíticos, ha de partir de una presencia poblacional constante en este y otros lugares del Sur de Europa. Estos datos relativizan, matizan e incluso descartan las tradicionales hipótesis acerca del origen del neolítico o del megalitismo como producto exclusivo de una colonización humana procedente de las zonas costeras.

Partimos de un concepto de territorio en el que éste es el escenario del paisaje cotidiano. Por tanto, un territorio económico, que es además el lugar en el que se vive, se trabaja, se piensa y se muere. Sus topografías ofrecen paneles naturales como los abrigos y cuevas en medios de calizas y cuarcitas muy propicios para la conservación de pintura, o superficies en esquisto, a veces de fuerte componente ferruginoso, lugar preferente para la documentación de grabados. Nuestro equipo ha trabajado para demostrar el poder identificador y evocador de sucesivos pasados de las imágenes grabadas y pintadas uno de los parámetros más visibles de las ocupaciones humanas.

El recurso a la ideología sirve para autenticar los usos de estos territorios, para justificar su posesión ancestral y para reivindicar las explotaciones agropecuarias y extractivas, entre las que el oro y su facilidad de acceso debió de constituirse en uno de los recursos más deseables. El Tajo Internacional es una más de las áreas megalíticas del Sur de Europa donde el oro es materia de ofrenda en asociación con cerámicas campaniformes.

La relación entre los espacios cotidianos y los espacios funerarios tiene su mejor evidencia en la presencia de grabados en las tumbas con la misma técnica que la detectada en el río. Los constructores de megalitos son los realizadores de las marcas que señalan los territorios del río como territorios ocupados. Las

documentaciones de los proyectos realizados en las áreas megalíticas de la frontera española son muy convincentes. Nuestro modelo de conexión topográfica entre megalitos y marcadores gráficos ha dado y continua dando sus frutos. El más reciente es el de las pinturas de Valencia de Alcántara.

Los megalitos se constituyen en el indicio más visible de un sistema de ocupación que tiene en sus entornos poblados. Trigo, cebada y otras explotaciones agrarias desdican la supuesta pobreza económica de los constructores de monumentos en esquisto. A los estudios polínicos y carpológicos tradicionales, el equipo de Alcalá ha sumado análisis de fitolitos y de contenidos de las vasijas. Podemos confirmar que se ofrecieron comidas y bebidas a los muertos, además de disponer de evidencias de enorme interés para reconstruir la economía de estos grupos.

Su asentamiento sobre poblaciones neolíticas antiguas insiste en un parámetro ideológico que repiten todos los conjuntos megalíticos europeos. Prueba de estas poblaciones neolíticas es la presencia de menhires, algunos de notable envergadura como el de Meada o el que recientemente hemos tenido oportunidad de excavar en Alcántara. Piezas de granito que sobrepasan la altura de los bosques de encinas y alcornoques en cuyos terrenos se implantaron, los menhires son los elementos más visibles del poblamiento neolítico.

Si la posición de los asentamientos conecta desde el más antiguo neolítico con referencias antropomorfas, son precisamente las estelas y estatuas el factor simbólicamente más definidor de las sepulturas megalíticas. Como elemento inicial de las construcciones, como refactura de los monumentos o como cierre de los mismos, las referencias antropomorfas son parte ineludible de las áreas funerarias y habitacionales de la Prehistoria reciente de la región. La riqueza detectada debería hacernos reflexionar en la dirección en la que hace años se propuso para las más antiguas áreas de la metalurgia europea. Es precisamente en ellas donde el valor individual o la capacidad de obtención de excedentes de linajes o familias, propició el desarrollo de una simbología específica de carácter antropomorfo. La estatuaria más desarrollada de la Prehistoria europea se asocia a áreas metalúrgicas y

probablemente la nuestra también. El oro, su extracción e intercambio explicaría este fenómeno, al igual que el cobre.



Lateral Norte del Menhir del Cabezo. Alcántara. Excavaciones del 2009. Foto R. de Balbín.

## Bibliografía

Recogemos algunos de los trabajos de nuestro equipo que desarrollan las perspectivas de análisis aquí señaladas:

Bueno Ramirez, P. (1988) *Los dólmenes de Valencia de Alcántara*. Excavaciones Arqueológicas en España, 155. Madrid. 210 p.

Bueno Ramirez, P. (2008) Espacios decorados al aire libre del occidente peninsular. Territorios tradicionales de cazadores-recolectores y de productores. R. de Balbín ed.: *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León: 321-347.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de. (1992) Art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie*, 96 (2-3). Paris: 499-572.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de. (1997) Arte megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de Granja de Toniñuelo (Badajoz). III Congreso Internacional de Arte megalítico. *Brigantium*, 10: 91-121.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de. (2000) Art mégalithique et art en plein air. Approches de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la péninsule ibérique. *L' Anthropologie*, 104 (3). Paris: 427-458.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de. (2000b) Arte megalítico en la Extremadura española. Homenaje a Elias Dieguez Luengo. *Extremadura Arqueológica*, VIII: El Megalitismo en Extremadura: 345-379.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de. (2006) Arte megalítico en la Península Ibérica: contextos materiales y simbólicos para el arte esquemático. En J. Martínez García y M. Hernández Pérez (eds.): *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez: 57-84.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de, Barroso Bermejo, R. (2004) Application d'une méthode d'analyse du territoire à partir de la situation des marqueurs graphiques à l'intérieur de la Péninsule Ibérique e Tage Internacional. *L'Anthropologie*, 108. Paris: 653-710.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de, Barroso Bermejo, R. (2007<sup>a</sup>) Chronologie de l' art Mégalithique ibérique: C14 et contextes archéologiques. *L'Anthropologie*, 111. Paris: 590-654.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de, Barroso Bermejo, R. (2007b) Ideología de los primeros agricultores en el Sur de Europa: las más antiguas cronologías del arte megalítico ibérico. *Cuadernos de Arte Rupestre*, 4: 281-312.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de, Barroso Bermejo, R. (2008a) Models of integration of rock art and megalith builders in the International Tagus. Bueno, P.,

Barroso, R., Balbín, R. de, (ed), *Graphical markers & megalith builders in the International Tagus. Iberian Peninsula*. BAR series. 1765. Oxford: 5-15.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de., Barroso Bermejo, R. (2010<sup>a</sup>) Grafías de los grupos productores y metalúrgicos en La Cuenca interior del Tajo. La realidad del cambio simbólico. En Gonçalves, V. S., Sousa, A. C. (ed.): *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Actas do Colóquio Internacional. Câmara Municipal de Cascais. Cascais: 489-517.

Bueno Ramirez, P., Barroso Bermejo, R., Balbín Behrmann, R. de (2007) El dolmen de Lagunita III: rituales y símbolos de la tradición en el megalitismo del tajo Internacional. E. Cerrillo Cuenca y J. Valadés Sierra (eds.). *Los primeros campesinos de la Raya. Aportaciones al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Publicaciones del Museo de Cáceres. Memorias, 6. Cáceres: 67-96.

Bueno Ramirez, P., Barroso Bermejo, R., Balbín Behrmann, R. de (2008b) The necropolis of Era de la Laguna, Santiago de Alcántara, Cáceres, in the context of the megalithism of the central region of the International Tagus. Bueno, P., Barroso, R., Balbín, R. (eds.), *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. BAR International series, 1765. Oxford: 41-59.

Bueno Ramirez, P., Barroso Bermejo, R., Balbín Behrmann, R. de (2012) Mégalithes, statues, gravures et peintures dans le bassin intérieur du Tage, Espagne. En M. Sohn, J. Vaquer ed: *Sépultures collectives et mobiliers funéraires de la fin du Néolithique en Europe occidentale*. Toulouse: 333-358.

Bueno Ramirez P.; Barroso Bermejo, R.; Balbín Behrmann, R. de; Carrera Ramirez, R. (2006) *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)*. Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.

Bueno Ramirez, P., Balbín Behrmann, R. de, Barroso Bermejo, R., Carrera Ramirez, F., Alfonso Carballo, J., Alonso Vasco, J., Barbado Carreras, J., Berzas Bravo, G., Martín Expósito, M. A., Salgado Cilleros, P. (2010b) *Secuencias gráficas paleolítico-*

postpaleolítico en la Sierra de San Pedro. Tajo Internacional. Cáceres. *Trabajos de Prehistoria*, 67 (1). Madrid: 197-209.

Bueno Ramirez, P. Vazquez Cuesta, A. (2009) Patrimonio arqueológico de Valencia de Alcántara. Estado de la cuestión. Ayto de Valencia de Alcántara. Diputación de Cáceres.

### **Os abrigos com arte rupestre da Serra de São Mamede, Jorge Manuel Forte de Oliveira**



É Professor Associado da Universidade de Évora onde coordena a Área de Arqueologia e História Antiga e dirige o Laboratório e o Mestrado de Arqueologia. Em 1995 obteve o grau de Doutor em

*História, na especialidade de Pré-História e Arqueologia, pela Universidade de Évora, onde lecciona desde 1984.*

*Ao longo de mais de trinta anos de actividade arqueológica dirigiu dezenas de projectos, maioritariamente focalizados para Norte Alentejano, dos quais se destacam: o Megalitismo da Bacia Hidrográfica do Sever, o Megalitismo de Cedillo, o Megalitismo da Região de Turismo de S. Mamede, o Neolítico e o Megalitismo da Coudelaria de Alter, a Arte Rupestre da Esperança – Arronches, as Forcas do Distrito de Portalegre, etc.*

*Decorrente destes e outros estudos é autor de cerca de duas centenas de publicações maioritariamente sobre Pré-História recente, das quais se destacam:*

*OLIVEIRA, Jorge de (1986); A Estela Decorada da Tapada da Moita, Portalegre, Edição da Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.*

*OLIVEIRA, Jorge de (1995); Sepulturas Megalíticas del Termino Municipal de Cedillo - Provincia de Cáceres- Edicion del Ayuntamiento de Cedillo, Cáceres.*

*OLIVEIRA, Jorge de (1995); A Recuperação do Menir da Meada - Castelo de Vide, Ed. Câmara Municipal de C. de Vide. (ed. a partir de artº. da Ibn Maruán)*

*OLIVEIRA, Jorge de (1997); Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever, 1º Vol. - Ed. Colibri, Lisboa.*

*OLIVEIRA, Jorge de (2006); Património Arqueológico da Coudelaria de Alter, Ed. Colibri / Universidade de Évora, Lisboa.*

*OLIVEIRA, Jorge de; PARREIRA, João; PEREIRA, Sérgio (2007); Nova Carta Arqueológica de Marvão, Número especial da Ibn Maruán, Ed. C.M.de Marvão / Ed. Colibri. (no prelo)*

*OLIVEIRA, Jorge (1993); "Territórios e Variabilidade Megalítica no Nordeste Alentejano", Actas do 1º Encontro - Transformação e Mudança, UNIARQ, Cascais-Lisboa.*

OLIVEIRA, Jorge (1996); “*Datas absolutas de monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*”, *Actas do 2º Congresso de Arqueologia Peninsular, Zamora*.

OLIVEIRA, Jorge; OLIVEIRA, Clara (1999); “*Continuidade e Rupturas do Megalitismo no Distrito de Portalegre*”, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol III, ADECAP, Porto*.

OLIVEIRA, Jorge (1999); “*Economia e Sociedade dos Construtores de Megálitos da Bacia do Sever*”, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol III, ADECAP, Porto*.

OLIVEIRA, Jorge de (2001); “*O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão – Cedillo*”, *Muitas antas pouca gente?*, *Trabalhos de Arqueologia 16, IPA, Lisboa.2001*

OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana (1998); “*O Complexo Arqueológico de Vidais na correspondência trocada entre António Maçãs e Leite de Vasconcellos*”, *Ibn Maruán, n.º 8, Câmara Municipal de Marvão*.

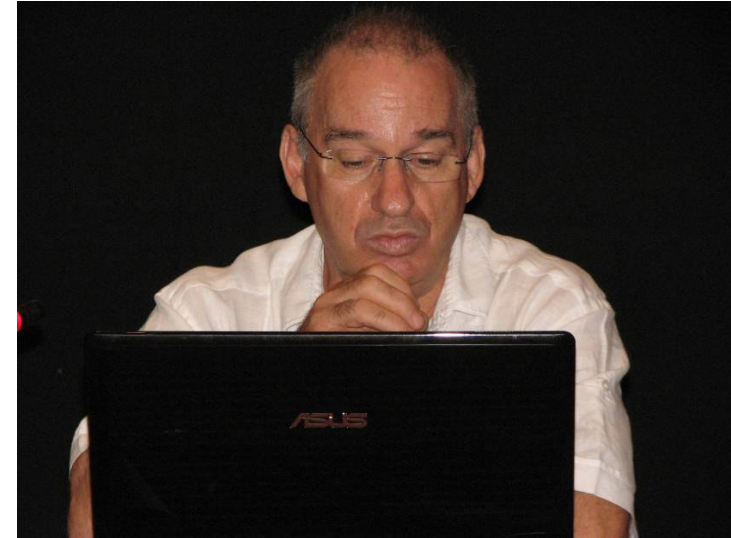
Actualmente desempenha os seguintes cargos: *Professor de Arqueologia da Universidade de Évora, Representante desta Universidade na Comissão Inter-Universitária de Arqueologia, Director do Pólo de Marvão da Universidade de Évora, Director da Revista Ibn Maruán, Director do Museu Municipal de Marvão, Assessor da REFER para a Área do Património e Membro do Conselho do Departamento de História e do Conselho Científico da Área Departamental de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Évora (fonte: AEAT, 2007)*.

## **Carta Arqueológica de Proença-a-Nova – estado atual dos conhecimentos**, Francisco Henriques, João Caninas e Mário Monteiro

**Resumo.** Integrado no colóquio “*Novos Aspetos da Arqueologia de Proença-a-Nova e do Tejo Interior*” os subscritores expuseram o estado atual dos conhecimentos acerca do inventário arqueológico concelhio.

O concelho de Proença-a-Nova está localizado no centro interior de Portugal, integra o distrito de Castelo Branco e é constituído por seis freguesias. Territorialmente é

constituído por quatro grandes unidades geomorfológicas que também contribuem para o delimitar: a serra das Corgas (Cordilheira Central) a norte; a serra das Talhadas a este; os vales dos rios Ocreza a sul e Pracana a oeste; e um vasto planalto interior que une as unidades referidas.



Geologicamente todo o território é caracterizado de modo dominante por rochas metasedimentares (Grupo das Beiras), exceto no limite este do concelho, onde emerge a crista das Talhadas, constituído por quartzito armoricano e xisto.

Tem sido reduzido o número dos protagonistas da investigação arqueológica no concelho de Proença-a-Nova. Assim, na primeira década do século XX Francisco de Tavares de Proença Júnior registou, neste território, seis antas e 14 machados de pedra. Décadas mais tarde Georg Leisner e Vera Leisner inventariaram 94 estruturas funerárias de tipo dolménico. Mais tarde ainda, na década de 70 do século passado e seguintes, a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) iniciou a identificação de várias dezenas de monumentos e sítios com importância arqueológica. Paralelamente, contribuíram também para incrementar este conhecimento os Estudos de Impacte Ambiental realizados no âmbito das grandes obras.

Pontualmente, outros arqueólogos também investigaram este território, como Dias Diogo, João Catarino e Carlos Batata.

Apresenta-se, de modo muito sintético, o estado atual do conhecimento arqueológico por grandes períodos cronológicos. Assim, até ao presente, não foram identificadas sítios ou materiais correspondentes ao Paleolítico. cremos que por dois motivos: ausência de depósitos da formação de Falagueira ou de Sarzedas na área do concelho; e o desmonte, para mineração aurífera, dos terraços fluviais do rio Ocreza que são em número reduzido e de pequena dimensão.

O período Neolítico-Calcolítico é o melhor representado, através das 94 antas referenciadas por Georg e Vera Leisner, ainda que neste concelho a AEAT tenha apenas conseguido identificar/relocalizar 13 monumentos deste tipo. Um destes monumentos já foi intervencionado (anta do Cão do Ribeiro) e dois estão em fase de estudo (anta da Anta e anta do Vale de Alvito).

Os grafismos rupestres pré-históricos, pouco representados, ocorrem, essencialmente, na margem do rio Ocreza e no planalto central sob a forma de covinhas. Na crista quartzítica da serra das Talhadas existem dois abrigos com pintura esquemática. No território de Proença-a-Nova ainda não foram identificados sítios de *habitat* atribuíveis à Pré-História Recente.

Da Idade do Bronze foi identificado um enorme recinto, no topo da serra do Chão de Galego, fechado a este e a oeste por enormes afloramentos e a norte e sul por muralha.

Enquadráveis na Idade do Ferro foram identificados dois povoados em meandros apertados de linhas de água secundárias (ribeira de Estevês e ribeira da Fróia), ambos com vestígios de muralhas e camuflados na paisagem e um painel com grafismos rupestres lineares, a Pedra das Letras, constituído por várias bandas de fusiformes.

Da Época Romana predominam os vestígios de mineração aurífera, sob a forma de conheira, ao longo do rio Ocreza, em 12 sítios, com diferentes dimensões, três sítios de *habitat* e uma inscrição funerária de Labrunhal Fundeiro.

Da época Medieval-Moderna surgem-nos poucos indícios, cremos que por deficiência de investigação, ainda que muitos dos atuais *habitats* tenham esta origem.

Do período Contemporâneo limitamo-nos a registar monumentos militares, que aqui se encontram distribuídos por três núcleos. O primeiro designado por Catraia Cimeira – ribeira do Alvito com 17 estruturas militares (fortes, baterias, vias com trilhos, trincheiras e outras estruturas). O segundo, núcleo da Fróia, constituído por cinco estruturas e o terceiro, núcleo do Vale do Urso, por duas outras estruturas militares. Em 2007 foi efetuada a escavação arqueológica do Forte das Baterias.

Em conclusão destacamos os seguintes aspetos: 1 - no concelho encontram-se identificados cerca de 250 sítios e monumentos de diversas épocas e tipologias; 2 – constata-se uma ausência de achados atribuíveis ao período Paleolítico; 3 – são (ou foram) numerosos monumentos megalíticos funerários (antas) mas ainda não se identificaram os respetivos povoados; 4 - o elevado investimento realizado na serra das Talhadas no sentido de identificar pinturas rupestres pré-históricas, produziu escassos resultados; 5 – a ocorrência de um desmonte extensivo dos terraços fluviais do rio Ocreza, para exploração aurífera, deve atribuir-se, provavelmente durante a Época Romana; 5 – o escasso número de sítios arqueológicos medievais-modernos identificados até ao momento pode dever-se a *deficit* de investigação, embora possam ter origem nessas épocas parte significativa das atuais povoações; 6 – a importância geoestratégica da região motivou a instalação, entre os rios Tejo e Zêzere, e aos longo das serras das Talhadas e Moradal, de um complexo dispositivo militar como primeira linha de defesa do país; 7 – a Câmara Municipal de Proença-a-Nova tem prestado um apoio fundamental ao estudo e inventariação do património arqueológico concelhio, através da AEAT.



Castelo do Chão do Trigo (Idade do Ferro)

### **As Linhas de Lippe: Talhadas – Moradal e Torres Vedras, Mário Monteiro**



**Resumo.** Friedrich Wilhelm Ernest zu Schaumburg-Lippe, conde soberano de Schaumbourg (principado na Baixa Saxónia, Alemanha). Nasceu em 24 de janeiro de 1724 na cidade de Londres, Inglaterra. Faleceu em 10 de setembro de 1777 numa modesta casa que construía nos terrenos do ducado. Era primo em segundo grau de Jorge III de Inglaterra, que teve grande influência na sua nomeação para Portugal.

Em 1762, pressentindo o Marquês de Pombal a guerra envolvendo Portugal contra a Espanha e França (Guerra dos Sete Anos), pede auxílio ao governo britânico, que por sua vez indica como militar capaz para o conflito que se aproximava, Wilhelm Schaumburg-Lippe. Em 3 de Julho daquele ano chega a Portugal e de imediato afirma-se em decreto a sua nomeação como Marechal General dos Exércitos, encarregando-o do “*governo das armas de todas as tropas de infantaria, cavallaria, dragões e artilharia, além de diretor geral de todas elas.*”

Ao serviço de D. José I, Lippe pôde adotar para o exército português organização e táticas atualizadas que tivera ocasião de praticar com as suas reduzidas forças no exército aliado da Guerra dos Sete Anos. Porém, teve também ocasião de conhecer, e depois adaptar através dos seus escritos, táticas de resistência não convencional, utilizadas secularmente por Portugal, um pequeno reino constantemente obrigado a resistir a um maior. Deixa Portugal em setembro de 1764, sendo elevado por D. José I à dignidade de príncipe de sangue com tratamento de alteza.

Quando Lippe chega a Portugal já uma coluna inimiga tentara penetrar na fronteira trasmontana até ao Porto, tendo sido travada pela ação das ordenanças. A 25 de Agosto as forças espanholas entram pela fronteira das Beiras e tomam a praça de Almeida, sendo o objetivo chegar a Coimbra. Em setembro, mudando de comando e de tática, o exército espanhol entra pela fronteira da Beira Baixa e conquista Castelo Branco. No escasso tempo de que dispõe percorre o território, define uma estratégia defensiva e organiza o exército, que se encontrava totalmente desorganizado e mal armado.

A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal surge no âmbito da Guerra dos Sete Anos, em 1762, por ordem do Marechal Conde de Lippe, um extraordinário estratega, contratado para comandar as forças portuguesas contra o invasor (Espanha com o apoio de França). Estabelece o quartel-general em Abrantes (considerada uma porta para Lisboa no corredor da Beira Baixa) e decide fortificar as serras das Talhadas e do Moradal, para onde se dirigia o invasor, utilizando os pontos dominantes das serras. Cria assim uma linha defensiva com aproximadamente 50 km de extensão, entre o Tejo e o Zêzere (com redutos construídos em ambas as margens dos rios), constituída por diversos tipos de estruturas defensivas, aproveitando as formações naturais do terreno, e obstáculos que dificultavam a progressão. Uma segunda linha é construída em torno de Abrantes e o caminho de retirada guarnecido com estruturas defensivas nos locais onde a passagem era mais difícil, de forma a permitir uma retirada em segurança.

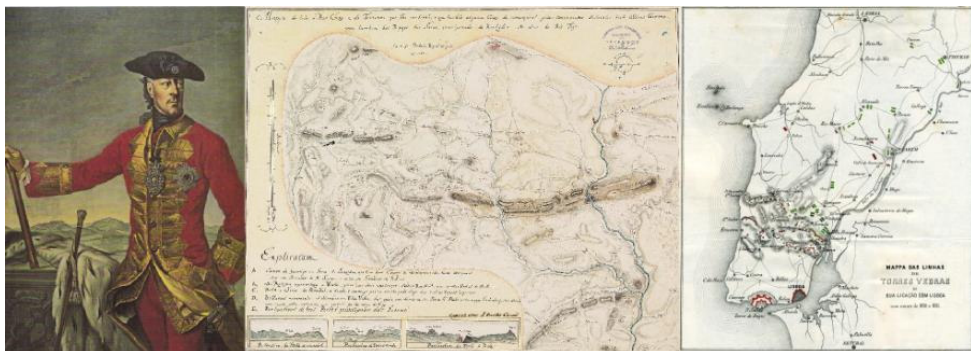


Figura à esquerda - Conde de Lippe, por *Johann Georg Ziesenis*, circa 1770. Palácio de Bückeberg (*Schloss Bückeberg*), figura retirada de <http://maritimo.blogspot.pt/2012/10/o-inventor-do-primeiro-submarino-alemao.html> .; Figura central - por *Jacob Crisóstomo Pretorius*, “*Mapa de Todo o Rio Creza e de Terrenos que lhe confinão, e que têm alguma couza de remarquavel pelos Campamentos diferentes deste ultima Guerra, como também dos Rayos das Serras, principiando do Rio Zefare ate alem do Rio Tejo, 1762*” Referência 3665/l-3-33-45, DIE, cedida pelo Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar; Figura à direita - *Mappa das Linhas de Torres Vedras e sua ligação com Lisboa...*, Gravura anónima, Lisboa: *Lithographia da Imprensa Nacional*, [s. d.], figura retirada de [http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art\\_id=578](http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=578).

A Serra das Talhadas e a Serra do Moradal formam uma muralha natural de sentido NNO-SSE e altitudes variáveis entre os 500m e 614m nas Talhadas e os 912m e 838m no Moradal, localizadas na plataforma xistosa pertencente ao “Complexo Xistoso das Beiras”, sendo formadas por uma imensa crista quartzítica, cujas paredes quase verticais são uma autêntica fortificação natural. Trata-se de uma área montanhosa de relevo muito irregular, profundamente recortada por Ribeiras e Ribeiros que circulam por vales sinuosos e encaixados, sendo a sua travessia com toda a logística de um exército muito difícil e apenas possível em quatro ou cinco locais. As Linhas de Torres Vedras são formadas por um vasto conjunto de fortificações e outros trabalhos defensivos situados na península de Lisboa (153 fortificações dispostas em 3 linhas), tendo sido concebidas com a finalidade de impedir o exército invasor (França) de atingir a capital do Reino ou, em caso de derrota, permitir o embarque, em segurança, do Exército Britânico em retirada.

A irregularidade do terreno, constituído por serras, montes e extensos vales, com diversas vias de circulação, permitia uma passagem relativamente fácil para o exército invasor. Utilizam-se assim os pontos dominantes nos montes e serras, criando uma linha com cerca de 40 km de extensão constituída por um misto de obras defensivas e de formações naturais do terreno, reforçadas por obstáculos que dificultavam a progressão. A constituição geológica da região (maioritariamente calcários) permitiu a construção de frequentes redutos recorrendo a espessos silhares, bem aparelhados, que concederam o aspeto sólido usualmente associado a uma fortificação regular.

O estudo do terreno em volta de Lisboa, com a finalidade de organizar posições defensivas que protegessem a capital do Reino e seus arredores, remonta, pelo menos, ao início do século XVII, surgindo num trabalho publicado em 1608 como sendo necessário implementar um sistema de defesa afastado de Lisboa.

Segundo Gneisenau, um militar que foi aluno de Lippe, “*a sua proposta sobre a defesa de Portugal, que foi enviada a Lisboa, contem passo a passo no maior pormenor, todas as medidas que mais tarde Lord Wellington lá tomou [as Linhas de*

*Torres], cujas posições e movimentos não são mais que a execução dos dados e indicações de Lippe.”*

Em 1807, Junot encarregou o coronel de engenharia Vincent de estudar a defesa de Lisboa, onde participou o major de engenharia José Maria das Neves Costa, do Exército Português. Após a evacuação das do exército francês foram as autoridades portuguesas decidem fazer um levantamento topográfico que servisse de base à da defesa de Lisboa, tendo também aqui participado o major Neves e Costa. Todavia, estes trabalhos ficaram muito incompletos.

Após a Batalha de Talavera, Arthur Wellesley (duque de Wellington), então comandante do exército anglo-luso, examinou com o coronel Richard Fletcher os documentos que já existiam sobre a defesa de Lisboa, tendo estes percorrido as principais posições que eram indicadas para a sua defesa. Após o reconhecimento do território foi escolhido o local de implantação de uma linha de defesa entre o Tejo (cujas margem sul também é fortificada) e a costa Atlântica (planeada como sendo a primeira linha, acabou por ser a segunda) e uma linha de defesa em torno de Lisboa, iniciando-se a sua construção em outubro de 1809. A terceira linha (que veio a ser a primeira linha do sistema defensivo) surge sem planeamento, devendo-se à demora do exército francês a iniciar a invasão, o que permitiu construir mais redutos entre os que se destinavam apenas a formar os postos avançados.

Este sistema defensivo tem sido descrito como um dos segredos mais bem guardados da História Militar, dado que na Terceira Invasão Francesa, em 1810, as Linhas de Torres Vedras surpreenderam totalmente o exército de André Masséna e impediram-no de atingir Lisboa, acabando por provocar a sua retirada de Portugal.

Para conquistar o Reino era fundamental conquistar a sua capital, Lisboa, e capturar o Rei. Feito isto, todo o Reino se renderia. Havia que evitá-lo! Esta seria a premissa basilar de ambos os planos.

Tendo um exército inferior ao do invasor, o objetivo não seria dar batalha, mas sim impedir a passagem ou simplesmente atrasar e dificultar a progressão do invasor,

dando tempo para a organização do exército defensor nos pontos onde este fosse mais necessário e a retirada de homens e equipamento em caso de necessidade.

Ambos os planos revelam uma visão do terreno e um pensamento estratégico em tudo semelhantes. Em ambos se tira partido da morfologia do terreno, aproveitando as condições de defesa natural que este facultava (o relevos das serranias, os rios, a costa Atlântica), fortificando regiões cujo ponto nevrálgico (Abrantes e Lisboa) se encontra na extremidade de um “triângulo”, protegido em ambas as faces pela água (Rio Zêzere, Rio Tejo e Costa Atlântica) e fechado por fortificações, cuja função era estarem presentes em caso de necessidade, não tendo permanentemente um contingente militar nestas posições. Em ambos são construídas estruturas que controlavam as principais vias de circulação e apoiavam uma eventual retirada das tropas, servindo neste caso como obstáculos. Sendo para os nossos olhos uma estratégia lógica, há época foi inovadora e não atingível por muitos estratégias militares.

Se para as Linhas de Torres Vedras são conhecidas plantas das fortificações da sua localização, para as Linhas das Talhadas-Moradal tal não acontece, o que não concorda com os metódicos registos utilizados pelos militares, até porque eles foram utilizados e referidos posteriormente. Porquê? - Terão sido destruídos? – Levados pelos franceses ou pelos ingleses? - Terão ido para o Brasil com o arquivo levado pela corte portuguesa e por lá se encontram? É de considerar que se encontrem “esquecidos” nos imensos arquivos militares portugueses. Certamente que existem documentos nos arquivos de Lippe, em arquivos militares estrangeiros ou mesmo particulares (portugueses e estrangeiros). Há que encontrá-los, quer para tomar conhecimento e confrontar o que foi projetado e o que foi concretizado nas Linhas das Talhadas-Moradal, assim como para esclarecer qual o papel de Lippe na autoria da Linhas de Torres Vedras, as quais Wellington executou e ampliou.

## Palestras

Orador	Tema	Data
João Carlos Caninas (AEAT)	Construções funerárias da Pré-História Recente na região de Castelo Branco	19 de Agosto
Paulo Félix (EMERITA)	Bronze Final no Centro Oeste de Portugal	22 de Agosto
André Pereira (EMERITA)	As placas votivas do sudoeste Peninsular: uma perspectiva historiográfica	24 de Agosto
António González Cordero	Estrategias de poblamiento durante la Edad del Cobre en la Alta Extremadura	26 de Agosto
José Mirão e António Candeias (Hércules – UE)	Análise química in situ de artefactos arqueológicos: potencialidades	29 de Agosto
Ana Rosa Cruz (CPH-IPT)	Grutas, megálitos e tumulus: três realidades diacrónicas na arqueografia funerária do Alto Ribatejo	31 de Agosto
Pedro Salvado (SAMFTP Jr)	Tavares Proença Júnior: a luz e os iluminadores da selva escura. Elementos para a História da Arqueologia regional	3 de Setembro
Gonçalo Ferreira	Polynomial texture mapping: uma tecnologia para leitura de gravuras e inscrições	31 de Agosto
Raquel Vilaça (FLUC)	Título a indicar	5 de Setembro
Hugo Pires (Superfície)	Novas metodologias de detecção e registo de arte rupestre através de fotogrametria digital	10 de Setembro
Marcos Osório (CMS/CEAUCP)	Os SIG aplicados à investigação arqueológica do território	10 de Setembro
António Correia (UE - Dep. Física) e João Rocha (Epicentro)	Métodos geofísicos aplicados à Arqueologia	13 de Setembro

AEAT (Associação de Estudos do Alto Tejo)  
 CEAUCP (Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto)  
 CMS (Câmara Municipal de Sabugal)  
 CPH-IPT (Centro de Pré-História – Instituto Politécnico de Tomar)  
 EMERITA (Empresa Portuguesa de Arqueologia)  
 Epicentro (Epicentro Geofísica Aplicada)  
 FLUC (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Hércules (Centro Hércules Herança Cultural, Estudos e Salvaguarda)  
 SAMFTP Jr (Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior) Superfície (Superfície Soluções Geográficas)  
 UE (Universidade de Évora)  
 CAPN (Câmara Municipal de Proença-a-Nova)  
 CMVVV (Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão)  
 Geopark (Geopark Naturtejo da Meseta Meridional)



O auditório de uma conferência.

### **Construções funerárias da Pré-História Recente na região de Castelo Branco, João Carlos Caninas (AEAT)**

**Resumo.** O tema desta apresentação corresponde ao que foi abordado na dissertação de mestrado em Arqueologia defendida pelo autor em 2012, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo como orientadora a professora Maria de Jesus Sanches.

O objetivo desta tese foi organizar a informação acerca das construções funerárias, vulgo *antas* e *mamoas*, referenciadas nos últimos 100 anos numa região do Centro Interior de Portugal Continental, correspondente ao distrito de Castelo Branco, e proporcionar uma primeira leitura global acerca da distribuição geográfica destas

construções, com enquadramento nos sítios de *habitat* e nos locais com grafismos rupestres, coevos daquelas.



São identificadas três fases principais na aquisição de conhecimentos sobre o tema: o primeiro quartel do séc. XX, tendo como protagonista Francisco Tavares de Proença Jr; meados do séc. XX com a missão do Instituto Arqueológico Alemão; desde o último quartel do séc. XX até ao presente, com a ação da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Esta abordagem foi aprofundada na zona de Ródão, situada na parte meridional da área de estudo, com o objetivo de perceber a variabilidade da implantação topográfica, da arquitetura e dos espólios das sepulturas daquela área.

Apesar do efeito de diversos fatores de distorção deste conhecimento, impondo perda ou ocultação de informação, concluiu-se, entre outros resultados e hipóteses, pela ampla distribuição e representatividade deste tipo de construções na região e no tempo histórico considerados. São também evidenciados aspetos de variabilidade na topografia, arquitetura e espólios de sepulturas da zona de Ródão. Proporcionou-se, deste modo um quadro de referência, para futuros estudos regionais, baseado no modo como foi construído o conhecimento acerca desta realidade pré-histórica no último século.

## ***Alguns aspetos do povoamento da transição Bronze-Ferro no centro-oeste de Portugal, Paulo Félix (EMERITA)***



**Resumo.** O Centro-Oeste de Portugal é um território que tem vindo a dotar a comunidade científica de importantes informações sobre o conhecimento do sistema de povoamento dos finais da Idade do Bronze e da transição para a Idade do Ferro, sobretudo nos últimos trinta anos. Este território compreende a região limitada a norte pelo vale do rio Mondego, a leste por um meridiano convencional que prolonga o rio Ocreza, a sul por um paralelo igualmente convencional que passa um pouco a norte de Santarém e, a ocidente, pelo Oceano Atlântico. Esta não é uma unidade geográfica uniforme: antes pelo contrário, configura-se como um mosaico de paisagens diversificadas que, mesmo levando em consideração as profundas alterações ocorridas nestes últimos três milénios, deverá ter proporcionado às comunidades desses tempos diversas soluções de implantação e exploração do meio-ambiente, algumas vezes alternativas, outras, talvez as mais usuais, complementares. Tão pouco podemos considerá-la uma unidade política (entendida em sentido muito amplo): contudo, o desenvolvimento da investigação, a acumulação de dados arqueográficos e, sobretudo, a entrada em cena de perspetivas teórico-metodológicas que rejeitam claramente a abordagem de cariz histórico-culturalista e “antiquarista” que foi dominante até à década de 1990, contribuiram para demonstrar

que as sociedades dos finais da Idade do Bronze possuíam uma organização complexa, estruturada em territórios relativamente homogêneos, talvez politicamente autónomos, que podemos entender como um “espelho” da superestrutura social e ideológica. Estas serão as condições de base que enformarão a expansão fenício-tartéssica e as respostas que as chamadas “comunidades indígenas” darão face a um mundo em muito rápida mudança.

**As placas votivas do Sudoeste Peninsular: uma perspetiva historiográfica, André Pereira (EMERITA)**



**Resumo.** É na *Introdução à Archeologia da Península Ibérica* de 1878, de Filipe Simões, que se encontram as primeiras referências verbais e gráficas conhecidas (e primeiras tentativas de interpretação) das placas votivas do Sudoeste Peninsular. Até ao início do século XX, começam a multiplicar-se as referências baseadas em descrições e procura de paralelos, devendo salientar-se o papel de Estácio da Veiga, em 1887, nas *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, que dedica um capítulo inteiro à temática.

Percorrendo a historiografia de todo o século passado, as interpretações da simbólica das placas votivas oscilam entre representações do inumado,

representações da Deusa-Mãe Oriental e emblemas heráldicos que comunicam a pertença a um clã. As tentativas de criação de tipologias baseadas nestes três modelos interpretativos revelaram-se válidas, mas não convincentes. Hoje, estão ainda em discussão essas três hipóteses que não são, necessariamente, incompatíveis.

Os próximos anos, com o emergir de projetos como o *Placa Nostra* de Víctor S. Gonçalves e o *ESPRIT* de Katina T. Lillios, conduzirão a investigação no sentido de tentativas mais abrangentes de sistematização da temática, multiplicando o número de referências e, previsivelmente, inserindo-as em contextos específicos. Quanto às interpretações...

Mortos? Deuses? Clãs? 135 anos volvidos da primeira referência, tendo o assunto já feito “correr muita tinta”, a interpretação deste artefacto, que se trata de uma das mais enigmáticas manifestações do sagrado do território ibérico, permanece ainda pouco esclarecida.

**Estrategias de poblamiento durante la Edad del Cobre en la Alta Extremadura, António González Cordero (Fundación-Museo Antonio Concha)**



*Doctor en Prehistoria y Arqueología, ejerce como profesor en el IES Zurbarán de Navalmoral de la Mata, localidad donde desempeña el cargo de patrono de la Fundación-Museo Antonio Concha a la vez que coordina los Coloquios Históricas anuales que se desarrollan sobre dicha Comarca.*

*Ha dirigido la catalogación del Arte Rupestre de la Alta Extremadura, así como la elaboración de distintas Cartas Arqueológicas de los términos municipales de Montánchez, Cáceres, Las Villuercas y Campo Arañuelo. En esta última comarca ha coordinado también la realización del inventario del patrimonio Histórico-Artística para el proyecto Leader.*

*Es director y coautor del Inventario Bibliográfico Arqueológico e Histórico de Extremadura. Publicado por la Junta de Extremadura en la Serie Extremadura Arqueológica IX. y de numerosas intervenciones editadas en Memorias del Museo de Cáceres.*

*Ha dirigido y co-dirigido excavaciones arqueológicas en diversos yacimientos extremeños como el Cerro del Horca, Castrejón, Castillejos I y I, Caballerizas, Torre Albarragena, Los Mármoles, Barruecos, etc. y en el campo de apoyo a proyectos de investigación ha colaborado con distintas Universidades españolas en la excavación del poblado y necrópolis de la Zarcita, El poblado del Jardiner, La villa romana de los Términos de Monroy, la Cueva del Conejar, La villa romana del Olivar del Centeno, etc.*

**Resumo.** La presentación que hemos elaborado se ocupa fundamentalmente del poblamiento durante la Edad del Cobre en la provincia de Cáceres. Dentro de los aspectos centrales a tratar, se ha intentado realizar una reconstrucción de los patrones de asentamiento a través de los análisis de distribución de los poblados y la conexión espacial, económica y social de estos con la trama medio-ambiente en el que se integra. En esta reflexión se utilizan unas variables en las que se explica como partiendo del estudio de las características físicas de los emplazamientos y de su distinta tipología se pueden llegar a reconstruir las distintas formas de organización espacial y estratégicas del poblamiento. Estos aspectos se concretan en torno a un tipo de poblamiento de tipo polinuclear que recoge formas de dispersión circular o lineal y otro de tipo mononuclear que agrupa formas de tipo comunal o familiar cuya importancia se reivindica.

Valoramos también la importancia del territorio como un indicador arqueológico a la hora de interpretar, en el plano sincrónico, las características de las formaciones económicas de la Edad del Cobre y los procesos de cambio que experimentan, así como la desigualdad de asentamientos a nivel rango-tamaño lo que nos lleva a plantear también la posibilidad de la existencia de una jerarquización dentro de los asentamientos y a estimar la capacidad de monumentalización de los mismos en función de su capacidad para integrarse en el paisaje y en las formas de reconocimiento de adoptan. Más adelante la incorporación de grabados y pinturas rupestres como elementos simbólicos no funcionales, conjugados con la cultura material, nos permitirá delimitar por un lado los espacios de poblamiento y por otro los lugares de interés económico, espacios funerarios, espacios ceremoniales, etc., amplificando la noción de territorialidad al mismo tiempo que hacen más evidentes los patrones de ocupación.

**Análise química in situ de artefactos: potencialidades, José Mirão & António Candeias (Laboratório Hércules – Universidade de Évora)**



*José Mirão is a Geologist and Mineralogist Assistant Professor at the University of Evora specialized in mineralogy, geochemistry and solid state analytical techniques, especially microprobe and in-situ methods. His main areas of research have included the study of historical mortars and renders, mural*

paintings, archaeological ceramics and roman glasses and ancient tile glazes. Over the last years, he has been involved in the coordination of several research projects funded by FCT and to large European scientific facilities access. [jmirao@uevora.pt](mailto:jmirao@uevora.pt)

António Candeias is a Chemistry Assistant Professor at the University of Evora specialized in Chemistry applied to cultural heritage. Over the last seven years, he has been involved in the coordination and co-ordination of several research projects funded by the FCT and educational projects funded by Ciência Viva Agency. In terms of research activity, his main interests have been the study of ancient renders and mural paintings from historical buildings and the development of integrated conservation methodologies, the study of easel paintings and historical textiles, the study and characterization of archaeological materials, namely ceramics and glasses, and the optimization and application of analytical techniques to the study of cultural heritage materials with particular emphasis to the use of microprobes and in-situ techniques.

**Resumo.** Qualquer objecto arqueológico encerra em si informação sobre a sociedade que o produziu, comercializou e usou. Para extrair alguma dessa informação é possível usar técnicas e conhecimentos de outras áreas científicas (e.g. química, física, geologia, biologia). Se bem integrada em modelos arqueológicos, esta informação pode contribuir para incrementar o nosso conhecimento sobre as sociedades antigas.

No entanto, os objectos de património requerem cuidados acrescidos. Exigindo frequentemente técnicas não-intrusivas que permitam, por exemplo, obter a sua composição química sem qualquer dano para as peças.

A técnica de fluorescência de raios-X tem-se afirmado como uma técnica que permite resultados fiáveis, sem danos para as peças e operando *in-situ*. Durante esta tertúlia, os princípios do método serão apresentados de uma forma simplificada, algumas potencialidades serão discutidas, recorrendo a exemplos e será realizado algum trabalho experimental.

## **Gruta, anta e tumuli: três realidades diacrónicas da arqueografia funerária do Alto Ribatejo, Ana Cruz & Ana Graça (Instituto Politécnico de Tomar)**



Ana Cruz is Tomar's Polytechnic Institute researcher. Graduated in History (1982), Master in Archaeology – Landscape and Management (1996), PhD in Archaeology - Quaternary, Materials and Culture (2011). Research since 1979 in History and Archaeology (Pre and Proto-History). Have 80 articles in scientific thematic magazines and 14 papers in proceedings. Responsible for 3 book chapters and 1 published book. Has organized 10 items of Seminars and Congresses. Participation in 3 scientific events in Portugal and 1 in Italy. Within the professional activities worked with 26 colleagues in scientific papers coauthors. Founder member of CAAP – Computer Applications for Archaeology – Portugal Member of International Union of Prehistoric and Protohistorical Sciences (UNESCO) Founder Member of Association for Peninsular Archaeology Cooperation Development ADECAP Member from Portuguese Association of Professional Archaeologists – APA Founder member of European Centre for Alto Ribatejo Prehistoric Research – (CEIPHAR, PT) Member of Quaternary and Pre-History Group from Coimbra's University Geosciences Centre.

**Resumo.** No Alto Ribatejo deparamo-nos com uma variedade sítios funerários que, para uma área geográfica tão pequena, se torna verdadeiramente peculiar atendendo à própria realidade litológica e geomorfológica envolvente.

Se por um lado, nos Canteirões do rio Nabão, nos deparamos com uma realidade funerária relacionada fundamentalmente com as lapas e grutas-necrópole, observamos, por outro, já na bacia hidrográfica do rio Zêzere, uma área onde predominam os monumentos megalíticos e os *tumuli*.

Para além das particularidades arquitectónicas e de espólio de cada sítio, observamos uma tendência para a partilha fúnebre do mesmo espaço individualizado no caso das grutas e dos monumentos megalíticos ao longo de pelo menos dois milénios. Por oposição, numa outra fase da Pré-história recente, verificamos uma preocupação não só na individualização do espaço fúnebre como também no tratamento do cadáver.

O que nos perguntamos, nesta fase da investigação, deriva precisamente desta mudança de comportamento que deve reflectir também uma mudança de mentalidade. Gostaríamos pois de compreender o que mudou, afinal, num espaço de tempo tão curto entre os inícios da Idade do Bronze e o seu final.

***Polynomial texture mapping: uma tecnologia para leitura de gravuras e inscrições***, Gonçalo Paulo Cunha Cardoso Ferreira



*Licenciado em Engenharia de Sistemas e Informática (Universidade do Minho). Programador e Gestor de Projeto na aplicação de gestão da formação Training Server. Mestrando de Arqueologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto).*

**Resumo.** Apresentação da tecnologia PTM que foi usada por exemplo no projeto de estudo do mecanismo de Antikythera.

Abordagem de alguns casos de estudo como o já referido e algumas problemáticas em que o PTM pode ajudar.

Explicação acerca do uso desta tecnologia usando materiais correntes com uma demonstração.

***Temas e problemáticas da Arqueologia da Idade do Bronze da Beira***, Raquel Maria da Rosa Vilaça (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)



*Licenciou-se em História (Pré-especialização em Arqueologia) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde tem feito toda a sua carreira académica. Doutorou-se em Pré-História e Arqueologia, em 1995, defendendo a tese Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul)*

nos finais da Idade do Bronze, *Trabalhos de Arqueologia*, 9, Lisboa, 1995, IPPAR, e pela qual lhe foi atribuído o Prémio Gulbenkian de Arqueologia (1997). É Professora Auxiliar com Agregação desde 2005.

Exerce funções docentes no âmbito do Instituto de Arqueologia da FLUC. Colaborou ainda na licenciatura em Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, no curso de História da Universidade dos Açores e no Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

É investigadora do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Entre outros, interessa-se pelas problemáticas da Idade do Bronze e dos inícios da Idade do Ferro no contexto peninsular, nas suas múltiplas dimensões. Sob sua responsabilidade e orientação, no âmbito de projectos próprios ou em colaboração, tem desenvolvido diversos trabalhos de investigação, de campo e gabinete, com particular incidência no Centro do território português, entre o Douro e o Tejo.

É autora (ou co-autora) de mais de 100 trabalhos, entre livros e artigos.

**Resumo.** Tomando como ponto de partida algumas reflexões sobre o que une e divide a Beira Interior e lhe presta especificidade no quadro peninsular, a autora detém-se também na importância da escala para a definição de questões e suas potenciais respostas.

A análise centra-se no povoamento durante a Idade do Bronze, elencando-se um conjunto variado de problemáticas (a ver ou a rever), tais como: as origens da metalurgia do bronze; o mundo de Cogotas na Beira Interior; os modelos de habitat; a “casa”; o local e o forâneo; o poder do fogo; marcadores de territórios, etc.

## Sistemas de digitalização 3D - Novo paradigma de registo e representação gráfica em Arqueologia, Hugo Pires (Superfície Geomática)



Hugo Pires é topógrafo especializado em registo gráfico do património e investigador científico em diversos projetos nacionais e internacionais. É autor de diversas publicações científicas no âmbito das tecnologias de geomática aplicadas ao património cultural. A sua investigação mais recente tem sido dirigida para o desenvolvimento de algoritmos de filtragem morfológica de modelos 3D para deteção e contraste de vestígios antrópicos, com aplicação ao estudo da arte rupestre, da epigrafia e da arqueologia da paisagem, entre outras. Desde 2007 é representante português do ICOMOS no comité científico internacional para a documentação do património (CIPA).

**Resumo.** Os avanços tecnológicos das últimas décadas ao nível da melhoria dos sensores óticos digitais, do aumento exponencial da capacidade de processamento dos sistemas informáticos e de novos algoritmos de computação gráfica, tornaram acessível a um vasto público tecnologias que até então estiveram reservadas aos mais avançados centros de investigação científica. A comunicação pretende dar conta destes avanços ao nível do registo gráfico arqueológico através da apresentação das tecnologias disponíveis e respetivos campos de aplicação, recorrendo a estudos de caso realizados no âmbito de diversos projetos científicos

com destaque para a área da fotogrametria digital em aplicações tão variadas como a arqueologia subaquática, a arqueologia da paisagem, a arte rupestre ou a epigrafia.

### **Os SIG aplicados à investigação arqueológica do território, Marcos Daniel Osório da Silva (Câmara Municipal de Sabugal)**



*Marcos Osório é licenciado em História, variante de Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 20 de julho de 1994 e mestre em Arqueologia Romana, em dezembro de 2000, sob a orientação do Professor Doutor Jorge de Alarcão da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cuja tese foi publicada pelo Município da Guarda: Osório, Marcos (2006) – O povoamento romano do Alto Côa (Territória; 1). Guarda: Câmara Municipal.*

*Entre 1995-1997 foi arqueólogo responsável pelo acompanhamento arqueológico dos trabalhos de reabilitação da Aldeia Histórica de Sortelha. Desde 1996 é arqueólogo da autarquia do Sabugal onde já realizou escavações arqueológicas em mais de 16 sítios desde castelos, a centros históricos e estações arqueológicas do concelho. Concebeu e coordenou o Projeto de Estudo e Valorização do Povoado do Sabugal Velho (Aldeia Velha - Sabugal), financiado pelo Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, do ex-Instituto Português de Arqueologia, para o triénio 1999-2001. Promoveu a musealização, a sinalética e o restauro das estruturas habitacionais e defensivas do povoado. Integrou*

*os Gabinetes Técnicos Locais para as aldeias de Sortelha (1996-1999), Vilar Maior e Alfaiates (2000-2004), onde colaborou na realização dos respetivos Planos de Urbanismo e Planos de Pormenor. Foi responsável pela produção da Carta Arqueológica Municipal, integrada no Sistema de Informação Geográfica (SIG) Municipal. Elaborou pareceres e levantamentos do património arqueológico e etnográfico para mais de 20 Estudos de Impacto Ambiental referentes a barragens, redes de rega, rodovias, emparcelamentos agrícolas e parques eólicos. E foi responsável pelo acompanhamento arqueológico de barragens, redes de rega, auto-estradas e estradas municipais.*

*Leciona a disciplina de Informática Aplicada à Arqueologia, no curso de Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, desde 2011/2012, e a disciplina de SIG em Arqueologia, no Mestrado de Arqueologia e Território, desde 2012/2013. No programa de cadeira foram abordadas noções de introdução ao uso de Sistemas de Informação Geográfica na Arqueologia e a prática do programa Quantum Gis.*

**Resumo.** Os SIG são uma ferramenta útil na investigação arqueológica, seja ao nível restrito de uma estação arqueológica, seja na abordagem a um território mais amplo.

Pretende-se nesta apresentação dar algumas noções básicas sobre o funcionamento e natureza dos Sistemas de Informação Geográfica, para a melhor compreensão da sua aplicação na investigação arqueológica em determinado território. Nesse sentido, irá dar-se especial ênfase à possibilidade que os SIG conferem de armazenamento, análise e representação tanto de dados espaciais como não espaciais.

Demonstraremos depois o potencial desta tecnologia informática em algumas vertentes específicas: como a criação de bases de dados geográficas (geodatabases), a conceção de modelos preditivos e fundamentalmente na análise espacial de informação vetorial e raster, exemplificando com alguns exercícios realizados no cálculo das bacias de visão de determinados povoados e fortificações medievais, na definição das áreas de marcha em torno de castros proto-históricos ou na estimativa de caminhos ótimos entre povoados ou castelos medievais.

## **Métodos geofísicos aplicados à Arqueologia, João Rocha (Epicentro) & António Correia (Universidade de Évora)**



(à esquerda, J. Rocha e A. Correia)

João Rocha tem formação em Engenharia Geológica e Mestrado em Ciências da Terra, da Atmosfera e do Espaço (CTAE), especialização em Geofísica, pela Universidade de Évora. É colaborador do Centro de Geofísica de Évora/Universidade de Évora (CGE/UE). Ao longo da sua formação académica realizou vários trabalhos no domínio da Geofísica Aplicada. Desde 2008 desenvolve atividade pela empresa EPICENTRO – Geofísica Aplicada, Lda., na qual realiza consultoria e prestação de serviços. Tem realizado trabalhos de prospeção geofísica aplicada à Arqueologia, à Hidrogeologia e à Geotecnia.

António Correia tem formação na área da Física e da Geofísica (Licenciatura em Física pela Universidade de Lisboa). Estudou, foi investigador e docente no Instituto de Geofísica da Universidade de Lausana (Suíça) e na Universidade de Alberta (Canadá) onde se doutorou em Geofísica. É Professor Associado com Agregação no Departamento de Física da Universidade de Évora (onde é regente das disciplinas de geofísica aplicada) e investigador no Centro de Geofísica de Évora. Desde 2001 tem desenvolvido atividade no domínio da arqueometria e da prospeção geofísica aplicada à arqueologia.

**Resumo.** Os métodos geofísicos constituem uma ferramenta importante em prospeção arqueológica. Na verdade, dependendo da escala da investigação arqueológica, a sua utilização é cada vez mais comum quer para estudos de detalhe de um dado sítio arqueológico ou para reconhecimento paisagístico ou ainda para planeamento de escavação.

A relação entre as leituras geofísicas realizadas à superfície do solo com os objetos arqueológicos enterrados é complexa e a interpretação dos resultados obtidos com equipamentos geofísicos, não sendo uma imagem simples e bem definida de objetos arqueológicos enterrados, requer uma interação e colaboração intensas entre geofísicos e arqueólogos.

A interpretação de dados geofísicos em contexto arqueológico requer, por isso, um grande conjunto de informações que vão desde fotografia aérea, mapas antigos, textos históricos e outras informações disponíveis. Só assim será possível chegar a uma interpretação arqueológica com significado a partir de campanhas de prospeção geofísica.

Dentre os vários métodos geofísicos disponíveis os mais utilizados em arqueologia são o método magnético (perfis de intensidade magnética e susceptibilidade magnética), o método elétrico (perfis de resistência elétrica, de resistividade elétrica aparente e de tomografia de resistividade elétrica) e métodos eletromagnéticos (georadar).

Na apresentação são descritos os três métodos referidos recorrendo a exemplos de trabalhos de prospeção geofísica realizados em diferentes contextos arqueológicos. Os fundamentos teóricos elementares de cada um dos três métodos são, também, descritos bem assim como as suas limitações.

## Visitas de estudo

## Os guias

Orientadores	Tema	Data
Isabel Gaspar (CMPN) Raquel Lopes (CMVVR), Carlos Carvalho (Geopark) e Francisco Henriques (AEAT)	<b>Serra das Talhadas, Serra de Chão de Galego e Portas do Almourão</b> Apresenta-se a intenção de constituição de um Parque Natural de âmbito regional com vista à preservação dos valores em presença e da biodiversidade em geral: originalidade do coberto vegetal, do povoamento faunístico, das formações geológicas (nomeadamente as Portas do Almourão), dos vestígios arqueológicos e de outros elementos de interesse ambiental e paisagístico.	20 de Agosto e 9 de Setembro
Mário Monteiro (AEAT)	<b>A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal</b> A Linha das Talhadas-Moradal surge no âmbito da Guerra dos Sete Anos, em 1762, por ordem do Marechal Conde de Lippe, um estratega, contratado pelo Marquês de Pombal para organizar e comandar as forças portuguesas contra a invasão de tropas espanholas com o apoio de França. A linha estende-se ao longo das serras das Talhadas e do Moradal, entre o rio Tejo e o rio Zêzere, defendendo as poucas portelas que permitiam a passagem de um exército invasor, cujo objectivo seria o rápido acesso à capital do Reino (Lisboa) e sua consequente conquista. O centro deste sistema defensivo, onde se localiza o maior número de redutos e também os de maior dimensão, localiza-se no concelho de Prouença-a-Nova, sobre a ribeira do Alvíto, local de difícil passagem, onde o invasor que avançava pela estrada de Castelo Branco teria que atravessar a referida ribeira.	27 de Agosto e 2 de Setembro
Isabel Gaspar (CMPN)	<b>Centro Ciência Viva da Floresta e Aldeia de Xisto de Figueira</b> O CCV da Floresta é um centro de divulgação e estudo da floresta portuguesa e de tudo o que lhe está direta ou indiretamente associado. Com módulos fixos interativos e exposições temáticas temporárias, promove ainda ateliers temáticos, ciclos de conversas científicas, ciência à la carte, entre outros. A Aldeia de Xisto de Figueira faz parte da Rede de Aldeias do Xisto e tem vindo a ser intervenida ao longo deste último anos com vista não só à melhoria da qualidade de vida da população residente, como também à promoção das atividades tradicionais como meio de captar o turismo (ciclo de fados na aldeia, as artes tradicionais do pão; a horta...). Possui uma loja de aldeia com restaurante de grande qualidade.	23 de Agosto e 6 de Setembro
Jorge Gouveia (AEAT), Carlos Carvalho (Geopark) e Francisco Henriques (AEAT)	<b>Portas de Ródão, Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo e passeio de barco no Tejo (Vila Velha de Ródão)</b> Ao cruzar a Serra das Talhadas, o rio Tejo deu origem a uma imponente formação geológica conhecida como as Portas de Ródão, um geomorfismo, classificado como Monumento Natural Nacional, localizado nas duras margens do Rio Tejo, nos concelhos de Vila Velha de Ródão e de Nisa. Em linguagem simples, ditamos que as Portas de Ródão foram geradas pelo processo erosivo associado à instalação do rio Tejo, num corte produzido na crista quartzítica, pela falha do Pansul. Trata-se de um local mítico, recheado de lendas e tradições, muitas das quais resultantes do facto de aqui ter sido durante largos anos a fronteira entre o Cristianismo e o Islão. É o ex-libris da região, um referencial na paisagem e constitui um lugar privilegiado para a observação de aves devido às numerosas espécies identificadas e onde se destaca a colónia de grifos, a maior em território exclusivamente nacional. A classificação deste Monumento Natural Nacional concluiu-se em 2009 e foi um projecto das autarquias de Ródão e Nisa concretizado, na sua vertente técnica, pela Associação de Estudos do Alto Tejo, instituição que há vários anos advoga a classificação, como forma de preservar a qualidade, a diversidade e a relevância dos valores em presença os quais conferem ao local um elevado valor científico, pedagógico e didático. O Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo (CIART) é um discurso expositivo que testemunha as características deste complexo gráfico e o histórico da sua descoberta. A orientação científica e concepção de conteúdos esteve a cargo do arqueólogo António Martinho Baptista da Fundação e Museu do Côa. Está instalado no antigo edifício das Paços do Concelho, no Largo do Pelourinho (antigo Largo do Município), em Vila Velha de Ródão. Dispõe de sala de recepção e loja. <a href="http://www.tejo-rupestre.com">www.tejo-rupestre.com</a>	30 de Agosto e 12 de Setembro



Isabel Gaspar (CMPN)



António Sequeira (CMPN)



Carlos N. de Carvalho (Geopark Naturtejo)



Raquel Lopes (CMVVR)

**Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) em 2013: memorando**

João Caninas, Isabel Gaspar, António Sequeira, Francisco Henriques, Mário Monteiro, André Pereira, Paulo Félix, Fernando Robles Henriques, Emanuel Carvalho, Carlos Neto de Carvalho e Hugo Pires



Jorge Gouveia (AEAT)



Francisco Henriques (AEAT)



Visita ao geomonumento das Portas do Almourão.



Visita ao geomonumento das Portas de Ródão e castelo de Ródão.



Visita ao Centro de Ciência Viva da Floresta (Proença-a-Nova).



Visita ao Forte das Baterias (Sobreira Formosa).



Mário Monteiro (AEAT)



Visita ao Centro de Interpretação da Arte Rupestre do rio Tejo (V. V. de Ródão).



Visita e passeio no Rio Tejo.



Visita a aldeia de xisto da Figueira.



Momento de lazer numa praia fluvial de Proença-a-Nova.



Jantar na aldeia de xisto de Figueira (Proença-a-Nova).



## Avaliação do CAPN pelos participantes

O programa de atividades, a organização geral, o acolhimento e as condições logísticas do CAPN 2013 colheram elevado agrado entre todos os participantes, incluindo os organizadores (CMPN e AEAT). A única crítica, também consciencializada em sede de conceção do programa, foi a escassez de tempos de descanso. A organização avaliou muito positivamente o comportamento de todos os participantes no CAPN 2013, os quais, sem exceção, se integraram na equipa, socializaram plenamente e assumiram as missões que lhes foram atribuídas.

## Imprensa regional

Jovens de todo o mundo passam verão em Proença-a-Nova

# Campo arqueológico aguarda inscrições

A Associação de Estudos do Alto Tejo, em parceria com a Câmara Municipal de Proença-a-Nova, vai dinamizar um trabalho internacional, no primeiro Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, nos meses de agosto e setembro.

Já estão abertas as inscrições e confirmadas estão já participações de três jovens, do Brasil, Espanha e Inglaterra, estando ainda disponíveis mais oito vagas internacionais, enquanto os 12 lugares para estudantes nacionais foram já preenchidos.

O campo vai decorrer em dois períodos, de 19 a 30 de agosto e de 2 a 14 de setembro, com participantes de todo o mundo.

Para cada um dos períodos há três vagas para o concelho e três para o distrito. Podem participar maiores de 18 anos, em-

bora no caso de jovens de Proença-a-Nova possam aceitar-se, excepcionalmente, maiores de 16.

Os interessados deverão apresentar a candidatura até 26 de julho, preenchendo a ficha disponível online ou diretamente na recepção dos Paços do Concelho.

Reconquista (16.05.2013)

20 participantes em cada um dos dois turnos

## Campo arqueológico com programa definido

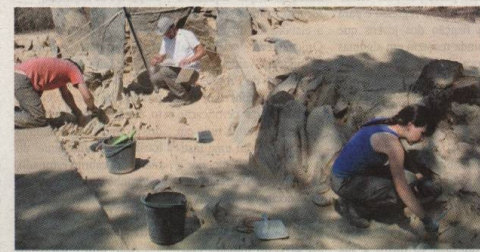
POR PAULO JORGE MARQUES

As vagas para o Campo Arqueológico Internacional de Proença-a-Nova estão totalmente preenchidas, com 20 participantes em cada um dos dois turnos. A iniciativa irá iniciar-se a 19 de agosto e o programa inclui, além das escavações, um colóquio sobre arqueologia, a inauguração da rota das antas, tertúlias regulares e visitas a locais de interesse na região.

Brasil, Espanha e Inglaterra são os países de origem dos participantes

estrangeiros, tendo sido abertas vagas específicas para três universos distintos – nacionais, internacionais e do concelho ou distrito. O primeiro turno decorre de 19 de agosto a 1 de setembro e o segundo de 2 a 14 de setembro, com escavações de segunda a sábado, entre as 7 e as 14 horas.

Serra das Talhadas e Portas do Almourão, Centro Ciência Viva da Floresta, aldeia do xisto de Figueira, Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Vale do



Tejo e Portas de Ródão são os locais a visitar pelos dois grupos, abrangendo várias áreas de ligação entre

os concelhos de Proença e Vila Velha de Ródão.

Segundas, quintas e sábados, às 17h30, irão

realizar-se tertúlias abertas a toda a população, na cafeteria municipal, cujos textos pode consultar aqui. A

7 de setembro, o colóquio "Novos aspetos da arqueologia de Proença-a-Nova e do Tejo Interior" irá abordar temas como a arte rupestre, as linhas defensivas e o estado da Carta Arqueológica do concelho. No dia seguinte realiza-se um percurso por duas antas, que assinala a inauguração da Rota das Antas, com inscrição gratuita no posto de turismo. Será uma oportunidade de conhecer um pouco do trabalho desenvolvido durante as escavações, que nessa altura estarão numa fase avançada.

Povo da Beira (20.08.2013)

**Proença-a-Nova**  
10 de Agosto 2013

# Campo arqueológico com programa definido

**Iniciativa abrange um total de 40 participantes de quatro nacionalidades**

As vagas para o Campo Arqueológico Internacional de Proença-a-Nova estão totalmente preenchidas, com 20 participantes em cada um dos dois turnos. A iniciativa irá iniciar-se a 19 de agosto e o programa inclui, além das escavações, um colóquio sobre arqueologia, a inauguração da rota das antas, tertúlias regulares e visitas a locais de interesse na região.

Brasil, Espanha e Inglaterra são os países de origem dos participantes estrangeiros, tendo sido abertas vagas específicas para três universos distintos – nacionais, internacionais e do concelho ou distrito. O primeiro turno decorre de 19 de agosto a 1 de setembro e o segundo de 2 a 14 de setembro, com escavações de segunda a sábado, entre as 7 e as 14 horas.

Serra das Talhadas e Portas do Almourão, Centro Ciência Viva da Floresta, Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, Centro de Interpretação da Arte Rupes-



tre do Vale do Tejo e Portas de Ródão são os locais a visitar pelos dois grupos, abrangendo várias áreas de ligação entre os concelhos de Proença e Vila Velha de Ródão. Segundas, quintas e sábados, às 17h30, irão realizar-se tertúlias abertas a toda a população, na cafeteria municipal, cujos temas pode consultar no site. A 7 de setembro, o colóquio “Novos aspetos da arqueologia de Proença-a-Nova e do Tejo Interior”

irá abordar temas como a arte rupestre, as linhas defensivas e o estado da Carta Arqueológica do concelho. No dia seguinte realiza-se um percurso por duas antas, que assinala a inauguração da Rota das Antas, com inscrição gratuita no posto de turismo. Será uma oportunidade de conhecer um pouco do trabalho desenvolvido durante as escavações, que nessa altura estarão numa fase avançada.

Concelho de Proença-a-Nova (10.08.2013)

reconquista 29 de agosto de 2013

Proença-a-Nova

# Escavações na mamoa do Cabeço da Anta

Quatro dezenas de jovens iniciaram terça-feira, dia 20 de agosto, os trabalhos no Campo Internacional Arqueológico que, durante um mês, procederá a escavações na mamoa do Cabeço da Anta, nas Moitas, uma parceria entre a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) e a Câmara Municipal de Proença-a-Nova.

Na receção ao grupo que integra o primeiro turno do campo, Jorge Gouveia, vice-presidente da AEAT, destacou o trabalho de continuidade feito nesta área. No ano passado foi desenvolvida a escavação da anta do Cio do Ribeiro, mas este verão o campo ganha uma dimensão internacional, com participantes de quatro nacionalidades. O presidente da Câmara, João Paulo Catarino, sublinhou a importância do trabalho desenvolvido pela associação, valorizando o património local.

As escavações iniciam-se todos os dias às sete da manhã, havendo ainda um programa de visitas culturais e três tertúlias semanais de frequência obrigatória pe-



Cerca de 40 jovens participam nos trabalhos

los participantes e também levantamento das estruturas nunca tinha sido aprofundado o estudo sobre as características e artefactos. A execução dos trabalhos está aprovada pela Direção Regional de Cultura do Centro.

No dia 1 de setembro será inaugurado o novo percurso pedestre através das antas, reformulado na sequência das obras do IC8, e a 7 de setembro realiza-se um co-

lóquio sobre o tema.

No lançamento das escavações, participaram no campo jovens integrados no programa “Tardes Profissionais”, lançado durante o verão pelo Município. Duas vezes por semana, jovens dos 12 aos 18 anos são convidados a conhecer e experimentar atividades diversificadas, tendo já estado em serviços como o canil ou cozinha, entre outros.

Reconquista (29.08.2013)

14 · Proença-a-Nova Povo da Beira · 3 de setembro de 2013 · Edição 1017

Ponta de seta e uma conta verde de um colar

## Primeiros achados na escavação arqueológica

POR PAULO JORGE MARQUES

Um grupo de participantes de portugueses participam espanhóis e uma investigadora brasileira, termina no próximo domingo, dia do passeio pedestre inaugural do novo percurso do PRI. Após as obras do IC8 o percurso sofreu alguns ajustamentos e a estreia será uma oportunidade para ver de perto o trabalho desenvolvido pelos arqueólogos no estudo da mamoa que é, até agora, a maior estrutura do género identificada no distrito de Castelo Branco, com cerca de 40 metros de diâmetro.

Segunda-feira um novo grupo de participantes, que usaram já a descoberto o topo das pedras laterais da anta, do período Neolítico. As escavações foram precedidas de estudos geofísicos dos terrenos e dão motivo de estudo

Proença-a-Nova terá, por isso, muita matéria-prima para prosseguir.

Na receção ao grupo que integrou o primeiro turno do campo, o presidente da Câmara, João Paulo Catarino, sublinhou a importância do trabalho desenvolvido pela associação, valorizando o património local. As escavações iniciam-se todos os dias às 7 da manhã, havendo ainda um programa de visitas culturais e três tertúlias semanais de frequência obrigatória pelos participantes e também abertas ao público em geral. “Não dá para descansar. Mas não se trata de um campo de férias: é um campo de trabalho”, brinca João Carlos Caninas.

O concelho de Proença-a-Nova parece corresponder a uma das mais densas manchas de sepulturas megalíticas do distrito, mas após o levantamento das estruturas nunca tinha sido aprofundado o estudo sobre as características e artefactos. No dia 7 de setembro realiza-se um colóquio em que serão abordados alguns destes temas. A execução dos trabalhos está aprovada pela Direção Regional de Cultura do Centro.



Povo da Beira (03.09.2013)

Proença-a-Nova

10 de Setembro 2013

## Campo internacional inicia escavações arqueológicas

**Trabalhos decorrem durante um mês na mamoa do Cabeço da Anta**

O que se esconde por baixo de terra não passa, por enquanto, de um ponto de interrogação. Mas daqui a um mês haverá muito a acrescentar à história da mamoa do Cabeço da Anta, nas Moitas, em que hoje os participantes do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova iniciaram as escavações. Durante quatro semanas, um total de 40 participantes irá contribuir e simultaneamente aprender com os trabalhos, que resultam de uma parceria entre a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) e a Câmara Municipal.

Na receção ao grupo que integra o primeiro turno do campo, no dia 19 de Agosto, nos Paços do Concelho, Jorge Gouveia (vice-presidente da AEAT) destacou o trabalho de continuidade feito nesta área. No ano passado foi desenvolvida a escavação da anta do Cão do Ribeiro, mas este verão o campo ganha uma dimensão internacio-



nal, com participantes de quatro nacionalidades. O presidente da Câmara, João Paulo Catarino, sublinhou a importância do trabalho desenvolvido pela associação, valorizando o património local.

As escavações iniciam-se todos os dias às 7 da manhã, havendo ainda um programa de visitas culturais e três tertúlias semanais de frequência obrigatória pelos participantes e também abertas ao público em geral. “Não dá para descansar. Mas não se trata de um campo de férias: é

um campo de trabalho”, brincou João Carlos Caninas, coordenador do campo arqueológico, durante a apresentação do programa.

O concelho de Proença-a-Nova parece corresponder a uma das mais densas manchas de sepulturas megalíticas do distrito, mas após o levantamento das estruturas nunca tinha sido aprofundado o estudo sobre as características e artefactos. A execução dos trabalhos está aprovada pela Direção Regional de Cultura do Centro. No dia 1 de setembro será inau-

gurado o novo percurso pedestre através das antas, reformulado na sequência das obras do IC8, e a 7 de setembro realiza-se um colóquio sobre o tema.

No lançamento das escavações, participaram no campo jovens integrados no programa “Tardes Profissionais”, lançado durante o verão pelo Município. Duas vezes por semana, jovens dos 12 aos 18 anos são convidados a conhecer e experimentar atividades diversificadas, tendo já estado em serviços como o canil ou cozinha, entre outros.

Concelho de Proença-a-Nova (10.09.2013)